

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS – UFAM
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIEDADE E CULTURA
NA AMAZÔNIA - PPGSCA

FRANCINERY GONÇALVES LIMA TORRES

A REALIZAÇÃO DAS VARIANTES PALATAIS /k/ E /ɲ/ NOS
MUNICÍPIOS DE ITAPIRANGA E SILVES (Parte do Médio
Amazonas)

PARTE I

MANAUS-AM

2009

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS – UFAM
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIEDADE E CULTURA
NA AMAZÔNIA - PPGSCA

FRANCINERY GONÇALVES LIMA TORRES

A REALIZAÇÃO DAS VARIANTES PALATAIS /k/ E /ɲ/ NOS MUNICÍPIOS DE
ITAPIRANGA E SILVES (Parte do Médio Amazonas)

PARTE I

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia, do Instituto de Ciências Humanas e Letras da UFAM, como trabalho final para a obtenção do título de Mestre em Sociedade e Cultura na Amazônia.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Maria Luíza de Carvalho Cruz Cardoso

MANAUS-AM

2009

DEDICATÓRIA(S)

Ao meu pai, João Ferreira Lima, (*in memoriam*), pelo homem justo e temente a Deus que foi em vida e pelo incentivo na busca pelo conhecimento.

À minha mãe, Alcinda Gonçalves Lima, pela compreensão e amor que me dedica e por ter, sempre que possível, dado asa aos meus sonhos.

Ao meu esposo, João Carlos de Souza Torres, companheiro incansável e grande incentivador deste trabalho.

Obrigada!

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, a Deus, que tornou possível a realização deste trabalho.

À minha querida orientadora, Dra. Maria Luiza de Carvalho Cruz Cardoso, pela orientação constante, segura e enriquecedora e pelo amor motivador e contagiante que dedica à Dialetoologia.

À minha querida irmã, Jacivane, pela paciência na elaboração das tabelas e gráficos e pelas sugestões para o enriquecimento deste trabalho.

A toda a minha família, pela paciência em me ouvir e pelas palavras de incentivo.

À amiga Roseanny, pelas discussões e troca de idéias que só enriqueceram o meu trabalho.

À colega Lúcia Helena, com quem em alguns momentos pude dividir as minhas angústias sobre as dificuldades em realizar esta pesquisa.

Ao colega Xavier, que, com muita simpatia, me concedeu hospedagem durante o período de pesquisa de campo em Silves.

A todos os informantes, que se disponibilizaram em participar da pesquisa e tornaram possível este trabalho.

Aos professores do Programa de Pós Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia – PPGSCA, que contribuíram para minha formação.

À Fundação de Amparo à Pesquisa no Amazonas – FAPEAM, pelo apoio financeiro.

A todos aqueles que, de uma forma ou de outra, tornaram possível a realização deste trabalho.

As línguas são resultados de complexa evolução histórica e se caracterizam, no tempo e no espaço, por um feixe de tendências que se vão diversamente efetuando aqui e além. O acúmulo e a integral realização delas depende de condições sociológicas, pois, como é sabido, a estrutura da sociedade é que determina a rapidez ou lentidão das mudanças.

Serafim da Silva Neto

RESUMO

A presente pesquisa tem como objetivo registrar aspectos do falar amazônico a partir da análise dos fonemas palatais /ʎ/ e /ɲ/, nos municípios de Itapiranga e Silves (parte do Médio Amazonas), com base na metodologia da Sociolinguística e da Geolinguística. A investigação deu-se *in loco*, a partir da aplicação de um questionário direto e por meio de conversação livre, com a utilização de um gravador. Os dados foram transcritos foneticamente e examinados através de registros em cartas lingüísticas. Foram selecionados seis (6) informantes em cada município, num total de doze (12), sendo um homem e uma mulher nas faixas etárias de 18 a 35 anos, 36 a 55 anos e 56 em diante, com escolaridade máxima até a 4ª. série do Ensino Fundamental, conforme os critérios geolinguísticos e sociolinguísticos. Através da observação do emprego dessas variantes, verificou-se o comportamento desses fonemas dentro das comunidades lingüísticas em foco.

Palavras-chave: dialetologia; palatalização; geolinguística; sociolinguística.

ABSTRACT

The present study is to record aspects of the Amazon speak from the analysis of palatal phonemes /ʎ/ and /ɲ/, in the municipalities of Itapiranga and Silves (part of the Middle Amazonas), based on the methodology of sociolinguistics and geolinguistic. The investigation has been on the spot from the application of a questionnaire and direct through conversations, with the use of a recorder. The data was be transcribed phonetically and records examined by letters in language. Was be selected six (6) informants in each city, a total of twelve (12), being a man and a woman in the age groups 18 to 35 years, 36 to 55 and 56 onwards, with education only up to the 4th. primary school, according to the criteria geolinguistic and sociolinguistic. By observing the use of these variants occur with the behavior of these phonemes within these language communities.

Keywords: dialectology; palatalization; geolinguistica; sociolinguistics.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Mapa do Estado do Amazonas e seus limites.....	33
Figura 2 - Mapa do município de Itapiranga.....	36
Figura 3 - Fotos da cidade de Itapiranga.....	36
Figura 4 – Mapa do município de Silves.....	39
Figura 5 – Fotos da cidade de Silves.....	39

LISTA DE TABELAS

Tabela 01 – Formação da população amazonense (tipos étnicos)	35
Tabela 02 – A Realização de /ʎ / em 07 cartas no contexto medial do vocábulo.....	49
Tabela 03 - A realização de /ʎ / em 42 cartas no contexto final do vocábulo.....	51
Tabela 04 - A realização de /ʎ / em 07 cartas no contexto medial do vocábulo.....	52
Tabela 05 – A Realização da palatal /ʎ/ em contexto inicial diante da vogal anterior /i/ da palavra “linha”	53
Tabela 06 – A Realização de /ʎʱ/ no vocábulo “família”.....	54
Tabela 07 – Realização de /ɲ/ em 52 cartas no contexto final do vocábulo.....	55
Tabela 08 – A Realização de /ɲ/ em 05 cartas no contexto medial do vocábulo.....	57
Tabela 09 – A Realização da palatal /ɲ/ no contexto medial diante da vogal média /i/ em duas cartas...58	
Tabela 10 – A Realização /ɲ/ no contexto final da palavra “caminhão”.....	59
Tabela 11 – A Realização de /ɲʱ,ɲʱʱ/ em contexto medial em 03 cartas	60
Tabela 12 – A classificação por gênero da realização da lateral palatal em 42 cartas.....	61
Tabela 13 – A classificação por gênero da realização da variante /ɲ/ em contexto final do vocábulo diante das vogais /a/ e /o/ em 52 questões.....	62
Tabela 14 – A classificação por gênero da realização da variante nasal /ɲ / palatal no contexto medial em 05 cartas.....	64

LISTA DE GRÁFICOS

- Gráfico 01 – Percentuais referentes à realização de /ʎ/ em 07 cartas no contexto medial do vocábulo..50
- Gráfico 02 - Percentuais referentes à realização de /ʎ/ em 42 cartas no contexto final do vocábulo.....51
- Gráfico 03 – Percentuais referentes à realização de /ʎ/ em 07 cartas no contexto medial do vocábulo,tendo como ambiente seguinte uma sílaba iniciada pela palatal nasal /ɲ/.....52
- Gráfico 04 – Percentuais referentes à realização da palatal /ʎ/ em contexto inicial diante da vogal anterior /i/ da palavra “linha”.....53
- Gráfico 05 – Percentuais referentes à realização de /ʎ̃/ no vocábulo “família”.....54
- Gráfico 06 – Percentuais referentes à realização de /ɲ/ em contexto final do vocábulo em Itapiranga....56
- Gráfico 07 – Percentuais referentes à realização de /ɲ/ em contexto final do vocábulo em Silves.....56
- Gráfico 08 – Percentuais referentes à realização de palatal /ɲ/ em contexto medial57
- Gráfico 09 – Percentuais referentes à realização de /ɲ/ no contexto medial diante da vogal.....58
- Gráfico 10- Percentuais referentes à realização /ɲ/ de no contexto final do vocábulo “caminhão”.....59
- Gráfico 11 – A Realização de /ɲ̃,ɲ̃̃/ em contexto medial em 03 cartas60
- Gráfico 12 – Percentuais por gênero da realização da lateral palatal.....61
- Gráfico 13 – Percentuais por gênero da realização de /ɲ/ em contexto final do vocábulo em Itapiranga.63
- Gráfico 14 – Percentuais por gênero da realização de /ɲ / em contexto final do vocábulo em Silves.....63
- Gráfico 15 - A classificação por gênero da realização de /ɲ / no contexto medial em 05 cartas.....64

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
1. REFERENCIAL TEÓRICO	18
1.1 O Suporte fonético-fonológico, na realização das variantes palatais / ʎ / e / ɲ /	18
1.1.1 As Consoantes Palatais / ʎ / e / ɲ /	19
1.1.2 A sílaba na Língua Portuguesa	20
1.1.3 O fenômeno da palatalização em /ʎ/ e /ɲ/	22
1.2 A Sociolinguística	24
1.3 A Dialetologia	29
2. UM BREVE PANORAMA HISTÓRICO SOBRE O AMAZONAS	32
2.1 Aspectos Históricos	32
2.1.1 Amazonas, a Capitania de São José do Rio Negro.....	33
2.2 Caracterização político-administrativo-demográfica do Amazonas	34
2.3 Municípios Investigados	36
2.3.1 Itapiranga ou Pedra vermelha	36
2.3.1.1 Perfil Histórico	36
2.3.2 Silves, a antiga aldeia de Saracá	39
2.3.2.1 Perfil Histórico	39
3. FUNDAMENTOS METODOLÓGICOS	43
3.1 A Coleta dos dados	43
3.2 A Localidade	44
3.3 O Informante Ideal	45
3.4 O Questionário	46
3.5 A Transcrição fonética	47
3.6 O Programa Computacional	47
3.7. A Elaboração das Cartas Fonéticas.....	48

4. CONSIDERAÇÕES ACERCA DA REALIZAÇÃO DAS PALTAIS /k/ e /ɲ/ NOS MUNICÍPIOS DE ITAPIRANGA E DE SILVES.....	49
4.1 As Varáveis Fonológicas de acordo com os fatores sociais e contextuais no vocábulo.....	49
4.1.1 Faixa Etária.....	49
4.1.2 Gênero.....	61
CONCLUSÃO.....	65
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	68
ANEXOS.....	73

PARTE II

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	03
2. NORMAS DE APRESENTAÇÃO DAS CARTAS.....	04
3. SISTEMA DE TRANSCRIÇÃO FONÉTICA.....	06
4. DADOS DAS LOCALIDADES.....	09
5. DADOS DOS INFORMANTES.....	10
6. QUESTIONÁRIO.....	15
7. ÍNDICE DAS CARTAS.....	25
8. CARTAS INTRODUTÓRIAS.....	30
8.1 MAPA DO AMAZONAS.....	31
8.2 MAPA DO MÉDIO AMAZONAS.....	32
8.3 MAPA DO MÉDIO AMAZONAS COM DESTAQUE PARA OS PONTOS DE INQUÉRITO...33	
8.4 MAPA DE ITAPIRANGA E DE SILVES.....	34
8.5 MAPA FONÉTICO.....	35
9. CARTAS FONÉTICAS Nº 01 A 113.....	36
10. NOTAS RELATIVAS ÀS CARTAS FONÉTICAS.....	150

INTRODUÇÃO

O fascínio pelo estudo da linguagem acompanhou-me ao longo de toda a graduação do curso de Letras, na Universidade Federal do Amazonas - UFAM (2002/2005). Nesse período, tive contato com a área de Lingüística e não mais consegui desprender-me dela.

O fato de essa ciência ir de encontro a tudo que a Gramática Normativa prescreve como bom uso da fala, o que eu tinha como verdade irrefutável, não só me incitava a refletir sobre a linguagem como também me impulsionava a adentrar nesse universo ainda tão estranho para mim, porém, fascinante.

Tal interesse levou-me ao envolvimento com atividades voltadas para esse fim, a saber: o Projeto de extensão (Proext) – *Revitalização da Língua e Cultura Tikuna em Manaus*, desenvolvido no Centro Cultural *Tikuna*, localizado no bairro da Cidade de Deus; um grupo de estudo voltado para o campo da Sociolingüística, pois precisava do conhecimento teórico para entender melhor os processos sofridos pela língua em função dos fatores sociais; a participação na ACE - Atividade Curricular de Extensão, que oferece a disciplina *Língua e Memória Cultural Indígena*, desenvolvida no Museu Amazônico, onde eu fazia os registros sobre a língua e cultura *tikuna*.

Logo entendi a heterogeneidade da língua e que o “errado” lingüísticamente hoje nem sempre o foi. Além disso, as leituras sociolingüísticas mostravam-me que as mudanças lingüísticas ocorriam também devido a pressões sociais.

Passei, então, a enredar-me efetivamente com a área da Lingüística e a refletir sobre o falar amazônico. Das leituras realizadas em minhas pequenas pesquisas, chamou-me a atenção a realização das variantes palatais /ʎ/ e /ɲ/, como em “ilha” e “unha”.

Ocorreu-me então alguns questionamentos, por exemplo, o de saber como essas variantes se manifestavam na fala da região amazônica, mais especificamente, no Amazonas.

Não foi difícil perceber logo a carência de estudos lingüísticos voltados para o falar amazônico. E, ainda, a necessidade do registro desses falares para conjugar ao arcabouço das diversidades lingüísticas da região amazônica em andamento.

Portanto, faz-se mister, um estudo que vise a trabalhar as variantes palatais /ʎ/ e /ɲ/, tendo em vista não só a ocorrência significativa desse fenômeno lingüístico como também a precariedade de estudos dialetológicos nos municípios do Amazonas.

De acordo com os dados apresentados no *Atlas Lingüístico Sonoro do Pará – ALISPA*, por Razky (2004), percebe-se nessa região uma realização diferente das variantes /ʎ/ e /ɲ/ em relação ao que ocorre no Amazonas.

O *Atlas Lingüístico do Amazonas – ALAM* (Cruz, 2004) apresenta, em seus municípios investigados, o registro de variantes diferenciadas dessa variável, na própria região do Amazonas.

Nesse trabalho, pode-se observar que, em Parintins, município já próximo ao Estado do Pará, encontram-se realizações dessas variáveis semelhantes às que ocorrem no Pará.

Soares (2003), em pesquisa realizada sobre a palatal /ʎ/, no falar de Marabá – PA, demonstrou que as variantes dessa variável são determinadas tanto por condicionamentos estruturais quanto por condicionamentos sociais.

Nesse seguimento, buscar-se-á, com esta pesquisa, evidenciar não só o uso das variantes palatais /ʎ/ e /ɲ/ nessas comunidades lingüísticas do Estado do Amazonas, mas também: a) registrar todas as **variantes** encontradas relacionadas a esses fonemas; b) observar dentre as variantes encontradas qual a de maior expressividade; c) verificar em que contexto lingüístico há a ocorrência das palatais /ʎ/ e /ɲ/.

É bastante relevante, portanto, desenvolver um projeto dentro da área de Linguística, mais especificamente da Dialetologia, centrado na Língua Portuguesa, falada na Amazônia.

Nesse sentido, observando-se a divisão política-administrativa do estado do Amazonas, de 1989, que inclui os municípios de Itacoatiara, Itapiranga, Maués, Nova Olinda do Norte, Presidente Figueiredo, Silves e Urucurituba, na microrregião do Médio Amazonas, decidiu-se por se realizar a pesquisa em municípios pertencentes a essa microrregião.

Na escolha dessa microrregião, considerou-se a questão geográfica do Amazonas, bastante peculiar uma vez que se diferencia das demais regiões brasileiras, pois possui uma imensidade territorial

que dificulta o acesso a determinados municípios, só sendo possível a entrada em alguns, por via aérea ou fluvial, essa última podendo durar cerca de cinco a vinte e três dias.

A escolha pelos municípios de Itapiranga e Silves deu-se, primeiro, pela historicidade das localidades, uma vez que o povoamento das duas cidades tem seu marco inicial com a Missão de índios, chamada aldeia de Saracá, fundada por Frei Raimundo, da ordem das Mercês em 1660. A história de suas fundações se confundem, chegando a haver confusão pelos historiadores em se determinar qual das duas foi o primeiro núcleo europeu do Amazonas.

Segundo, pela fácil acessibilidade aos municípios e, por fim, pelo curto prazo estabelecido pelo Programa de Mestrado.

A investigação da fala dos demais municípios dessa microrregião ficará para uma pesquisa posterior.

A fala do município de Itacoatiara já foi registrada por Cruz (2004), no *Atlas Lingüístico do Amazonas – ALAM*.

O município de Presidente Figueiredo, incluído no projeto inicial desta pesquisa, não pôde fazer parte da investigação uma vez que foi criado em 10.12.1981, não possuindo trinta anos de existência, dado exigido para os critérios que fundamentam este trabalho. Além disso, seus primeiros moradores são todos oriundos de outras regiões do Estado e do Brasil¹; portanto, não há informantes que correspondam às exigências imperativas para esta pesquisa.

Nas localidades arroladas, pretendeu-se observar como de fato se processou e/ou se processa esse fenômeno lingüístico, com o intuito não só de documentar o falar amazônico como também de enriquecer os estudos já existentes nessa área de investigação.

Para isso, foram selecionados em cada município (6) seis informantes, somando um total de (12) doze, sendo um homem e uma mulher nas faixas etárias de 18 a 35 anos, 36 a 55 e 56 em diante, possuindo no máximo a 4ª série primária de acordo com os princípios sociolingüísticos.

¹A informação sobre os moradores serem oriundos de outras regiões brasileiras foi obtida no próprio município através de conversa informal com os moradores e checado em fonte do IBGE.

A pesquisa também recebeu apoio da metodologia oferecida pela geolinguística em relação à seleção dos informantes e à apresentação dos mapas lingüísticos.

Para a realização deste trabalho, sendo a pesquisadora bolsista, contou-se com uma ajuda de custo oferecida pela Fundação de Amparo à Pesquisa no Amazonas – FAPEAM.

Este trabalho foi dividido em duas partes e está organizado da seguinte forma: A primeira parte aborda todos os fundamentos da dissertação. No primeiro capítulo, apresentam-se os fundamentos teóricos que serviram de base para o bom desenvolvimento desta pesquisa, a saber: O fenômeno da realização das palatais /ʎ/ e /ɲ/, a Fonética, a Fonologia, a Sociolinguística e a Dialectologia.

No segundo capítulo, faz-se um breve histórico acerca do estado do Amazonas e dos municípios alvos da investigação, Itapiranga e Silves.

No terceiro capítulo, apresentam-se os fundamentos metodológicos utilizados na pesquisa.

No quarto, são apresentadas algumas considerações sobre os fenômenos investigados. E por fim, a conclusão do trabalho.

A segunda parte apresenta todos os dados que se referem às cartas lingüísticas, como forma de facilitar a leitura das mesmas, abordando breve introdução, as normas de apresentação das cartas, o sistema de transcrição fonética, os dados das localidades e dos informantes, o questionário e as cartas introdutórias e fonéticas.

1. REFERENCIAL TEÓRICO

Para a concretização deste trabalho, tomou-se como base estudos fonético-fonológicos, sociolinguísticos e dialetológicos fundamentais para uma pesquisa deste caráter.

Assim sendo, esta investigação realizou-se em etapas assim divididas: primeiro, um estudo fonético-fonológico para se ter o domínio de transcrição fonética e a compreensão das variantes do português do Brasil, especificamente as variantes palatais /ʎ/ e /ɲ/. Depois, um estudo sociolinguístico, para se interpretar os dados, considerando os parâmetros metodológicos relacionados às variáveis sexo e idade dos informantes e, por fim, um estudo dialetológico para, a partir do registro cartográfico das variantes linguísticas de dados sincrônicos, poder se observar, considerando o local de origem e o nível escolar dos informantes, os fenômenos linguísticos da pesquisa ocorridos na fala das comunidades de Itapiranga e Silves.

1.1 O suporte fonético-fonológico, na realização das variantes palatais /ʎ/ e /ɲ/

A Fonética e a Fonologia são áreas da Linguística que estudam os sons da fala e, por isso, ciências estreitamente relacionadas. No entanto, enquanto a Fonética se ocupa em descrever os sons da fala, a Fonologia se ocupa em interpretar os sons da língua e sua capacidade distintiva. Assim, apesar de manifestarem o mesmo campo de estudo, seus objetivos são distintos.

Dessa forma, enquanto a fonética é basicamente descritiva, a Fonologia é uma ciência explicativa, interpretativa; enquanto a análise fonética se baseia na produção, percepção e transmissão dos sons da fala, a análise fonológica busca o valor dos sons em uma língua - em outras palavras, sua função linguística (GLADIS MASSINI-CAGLIARI e LUIS CARLOS CAGLIARI, 2003, p. 106).

Sabe-se, assim, que no estudo fonético faz-se a análise dos **fonos**, como a concretização dos sons da fala. Os **fonos** podem apresentar características vocálicas ou consonantais, **segmentos vocálicos** ou **segmentos consonantais**. Neste estudo, objetivou-se observar os **segmentos consonantais palatais /ʎ/ e /ɲ/**, os quais são assim caracterizados devido ao lugar de articulação dos sons consonantais que se

processam da seguinte maneira: a parte média da língua, articulador ativo, movimenta-se até a parte final do palato duro, articulador passivo, a fim de produzir os sons da fala.

Por meio do estudo fonológico, interpretou-se os resultados obtidos na transcrição fonética. Essa análise permite a verificação das diversas manifestações fonéticas de um mesmo **fonema**, centrando-se o foco nas propriedades segmentais da cadeia sonora das variantes palatais /ʎ/ e /ɲ/.

No Português do Brasil, são possíveis realizações fonéticas do fonema /ɲ/ representado por <nh> na palavra *junho* e do fonema /ʎ/ por <lh> na palavra *julho* como:



1.1.1 As consoantes palatais /ʎ/ e /ɲ/

Para a melhor compreensão da realização das palatais /ʎ/ e /ɲ/, optou-se, primeiramente, por uma breve explicação e exposição da estrutura da sílaba na língua portuguesa, tendo em vista que tais seguimentos no português são interpretados, fonologicamente, algumas vezes, como consoantes simples e, outras, como complexas a exemplo dos pares *velhinha-velinha*; *junho-Junior*.

Com referência aos pares citados, vale ressaltar que as laterais, de acordo com Mattoso Câmara Jr. (1977:45), perdem o contraste diante da vogal anterior, uma vez que são pronunciadas da mesma forma [veʎʎĩɐ]; já as nasais perdem o contraste fonológico quando a nasal alveolar diante da semivogal, na maioria das vezes, apresenta-se como uma nasal palatal, sendo pronunciadas do mesmo modo [ʎʎĩɐ]. Para Barbosa (1995:95), na fala dos amazonenses não há a perda do contraste entre [ɲ] e [ɲ] em palavras como *grunhido* e *punido* “porque o fone nasal palatal de articulação completa, [ɲ]² não ocorre em

² Optou-se por não se utilizar, neste trabalho, o fonema usado pela autora [ɲ̃, ñ̃-] e sim o que já se vinha utilizando [ɲ̃, ñ̃-], evitando, assim, o uso de dois fonemas representando o mesmo som.

posição medial. Nessa posição, verificamos a ocorrência do fone nasal palatal de articulação incompleta, [ɲ-]”.

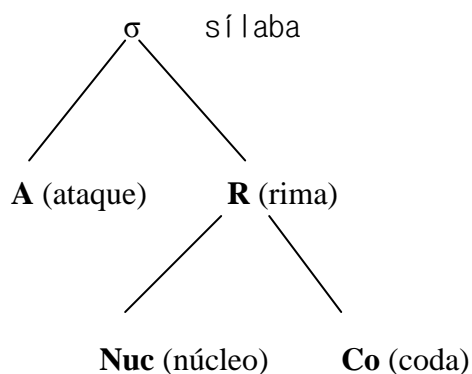
Tais assertivas pretende-se constatar neste trabalho, focalizando a relevância da pesquisa sobre a realização das palatais /ʎ/ e /ɲ/, nos municípios amazonenses.

1.1.2 A sílaba na língua portuguesa

Na língua portuguesa, as sílabas podem ser simples ou complexas, obedecendo a seguinte estrutura:

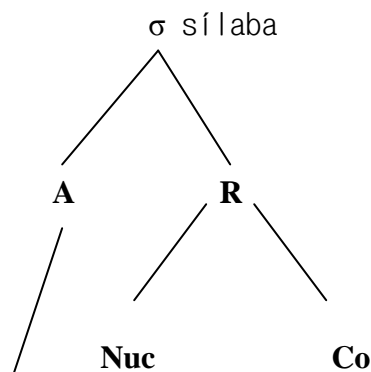
V	é
VC	ar
VV	oi
CVV.CV	coi.sa
VC.CVC.CV.CVC.CV	ab.rup.ta.men.te
CCV.CV	pra.to
CCVV.CV.CVV	pneu.monía
CVCC.CV.CVC	pers.pi.caz

Segundo Mori (2001, p.175), a sílaba é simples quando é composta apenas de um núcleo, isto é, uma vogal; é complexa quando composta de núcleo, ataque e/ou coda, ou melhor, vogal e consoante(s) como se pode observar acima e se confirmar pela representação que segue:



A sílaba pode apresentar ainda ataques e codas simples ou complexas, isso ocorre quando o ataque é composto por duas consoantes e as codas também.

A vogal sempre ocupa posição de núcleo. À guisa de ilustração apresenta-se, abaixo, a estrutura silábica das palavras “banha e galho”:



ba	ga	C	V
nha	lho	C C	V

Como se pode observar acima, o ataque complexo dos fonemas /ʎ/ e /ʎ/ ocorrem na posição medial da palavra, o qual é mais comum no Português do Brasil, doravante PB, ocorrendo raramente em posição inicial:

Ao examinar o ataque, tem-se que levar em consideração que ele pode ser preenchido por um elemento (ataque simples) e por dois elementos (ataque complexo). O ataque simples pode ocorrer tanto em posição inicial como em posição medial. Alguns segmentos, dependendo da posição, são muito pouco produtivos. Como é o caso de /j/ e /ʎ/ na posição inicial. (HORA, 2004. **Varição fonológica**: consoantes em coda silábica).

É importante ressaltar a combinação de sons na formação das sílabas, ou seja, dos fonemas, aspecto relevante para esta pesquisa.

Entendendo a sílaba fonética como a seqüência de fases: estreitamento-abertura, podemos constatar, para o Português falado no Brasil, diferentes padrões silábicos que resultam das várias combinações das fases silábicas. Estes padrões são definidos a partir de quantos sons são omitidos com a mesma abertura silábica, sendo que nesta fase há variabilidade devido ao grau acentual. (SILVEIRA, 1982, p. 97)

Assim, sendo a sílaba fonética uma seqüência de fases, no PB pode-se verificar casos de padrões silábicos distintos, fruto de diferentes combinações das fases silábicas. Como, por exemplo, “mulher” [mu'ʎe, mu'l'ê, mu'l'e] “banha” ['bãɲa, 'bãɲyɐ, 'bãɲ'ɐ] ou, ainda, a ocorrência do mesmo fonema em

palavras diferentes, mas, que, somente, pelo contexto se dará o significado. Vejamos: [ve'liã, ve'liã] “velhinha de velha” e “velinha de vela”.

Para Câmara Jr. (1977, p. 36), “(...) um mesmo fonema pode variar amplamente em sua realização, de acordo com o ambiente fonético ou com as particularidades de cada falante”.

Analogamente, para Catford (*apud* Barbosa, 1995) não é o fonema que é pronunciado e sim um determinado som que pode ser a realização de um fonema e o som se modifica a cada emissão.

Neste trabalho, portanto, o foco é verificar como se realizam esses fonemas, isto é, quais as variantes relacionadas ao fonema /ʎ/ e /ɲ/, faladas nas comunidades de Itapiranga e Silves.

1.1.3 O fenômeno da palatalização em /ʎ/ e /ɲ/

Para Serafim da Silva Neto (1970:13) “A qualquer momento que se observe uma língua, cumprir em mente as suas fases anteriores”.

Em conformidade com o autor, tentar-se-á, neste item, fazer um epítome histórico acerca dos fonemas em estudo. Para tanto, remontar-se-á ao latim vulgar e ao galego-português (ou português arcaico).

As palatais /ʎ/ e /ɲ/ são representadas graficamente com os dígrafos portugueses <lh> e <nh>, os chamados *l* e *n* molhados, que foram representados, inicialmente, no latim vulgar, por *li* e *ni* ou só *l* ou *ll* e *n*, depois, modificando-se para <lh> e <nh>. O fenômeno lingüístico ocorrido, nesse caso, foi o fato de tais consoantes em posição de semivogais pospostas a elas se palatalizarem: *filiu* (filho), *muliere* (mulher), *alienu* (alheio), *palea* (palha)³, *alliu* (alho), *arana* (aranha), *teneo* (tenho), *poneo*(ponho), *línea* (linha), *juniu* (junho), *testimoniu* (testemunho), etc. Ou seja, o fenômeno lingüístico decorre da união de dois elementos (sons) em um único som.

³ No latim vulgar o *e*, quando seguido de vogal, quer no interior, quer no fim de palavra, valia por *i*. J. J. Nunes. *Compêndio de Gramática Histórica Portuguesa*. 1945, p. 142.

Assim, Ismael Coutinho (1962; p.83-84) diz que no português arcaico, por ingerência do latim, o uso do *l* geminado intervocálico se dava para designar o som lateral palatal, que inicialmente era representado por *li*; tal fato se dá analogamente com o *n*:

l – é comum estar geminado no meio e no fim da palavra: [...]; no meio decorria da influência do latim. À maneira do castelhano, empregava-se o *l* geminado entre vogais para indicar som palatal molhado: *vallam* = *valham*. A princípio, era este som representado por *li*: *filia* = *filha* [...].

n – [...]. Encontra-se *ni* e *n* com o valor de *nh*: *tenio* = *tenho*, *vena* = *venha*. À imitação do espanhol, geminado valia *nh*: *aranna* = *aranha*, *vinno* = *vinho*.

É interessante citar, também, que no português arcaico o *l* e *n*, quando seguidos da semivogal *i*, sofrem síncope, deixando de ser palatais: *Julianu* (*Juião*), *testimoniu* (*testemoio*). No entanto, nos dias atuais, ainda molha-se o *l* e *n*: *Antônio* (*Antonho*), *Júlio* (*Julho*), etc.

No português e galego o *n* caracteriza-se por nasalizar a vogal que o precede, acontece que, posteriormente, quando precedido da semivogal *i* passou a <nh>, ocorrendo, portanto, o fenômeno da assimilação, pois o *n* assimilou-se à semivogal, deixando de ser dental e palatalizando-se: *nô* (*ninho*), *vô* (*vinho*), *dêiro* (*dinheiro*). Tal fenômeno se mantém ainda na língua atual - com a transformação em <nh> -, quando a tônica é *i*: *vinu* (*vinho*), *sardina* (*sardinha*), *gallina* (*galinha*), *pinu* (*pinho*), etc.

Agora a redução do grupo *gn* a *nh*⁴ se dá pelo fato de o *g* reduzir-se a *i*, que em alguns casos se manteve e em outros se assimilou à nasal, palatalizando-a, como exemplo de redução de *gn* a *nh* pode-se observar o uso de tal seguimento nos seguintes vocábulos: *pugnu* (*punho*), *lignu* (*lenho*), *cognatu*(*cunhado*), *tammagnu* (*tamanho*), *signa* (*senha*)⁵.

As consoantes internas agrupadas, latinas ou românicas, *pl*, *cl* e *gl*, quando entre vogais reduzem-se a *lh* : *scop(u)lu* (*escolho*); *oric(u)la* por *auricula* (*orelha*), *apic(u)la* (*abelha*); *teg(u)la* (*telha*), *coag(u)lu* (*coalho*)⁶.

⁴ A consoante *G*, seguindo a sua tendência transforma-se em *i*. J. J. Nunes. *Compêndio de Gramática Histórica Portuguesa*. 1945, p. 123.

⁵ Ismael Coutinho. *Pontos de Gramática Histórica*. 1962, p. 144.

⁶ José J. Nunes. *Compêndio de Gramática Portuguesa*. 1945, p. 121-122.

Observa-se, portanto, já naqueles períodos, o uso das palatais /ʎ/ e /ɲ/ somente no meio de palavras. Fato não muito diferente nos dias de hoje.

No PB atual, o mais corriqueiro é, também, o uso das palatais na posição mediana das palavras; a ocorrência de palatais no início de palavras é rara, principalmente diante de vogais diferentes da anterior alta. No caso do /ʎ/, temos uma única palavra “lhama”⁷ [ˈʎãmɐ] e do /ɲ/ temos Nhamundá⁸ [ɲɐmũˈda], nhoque [ˈɲokɐ] entre outras poucas.

Como se vê não é comum, na língua portuguesa, palavras grafadas inicialmente com o fonema /ʎ/. No entanto, comumente antes da semivogal *i* ocorre o fonema /ʎ/, como por exemplo: limão, livro etc., fato que nos reporta ao fenômeno lingüístico sucedido na língua no século XVI. Por isso, neste trabalho, procurar-se-á evidenciar qual a freqüência dessas variantes no falar amazônico dos municípios arrolados.

Assim, através dos estudos sociolingüísticos e dialetais pretende-se fazer a análise do uso das variantes palatais /ʎ/ e /ɲ/, nas localidades investigadas, de forma a constatar quais as de maior expressividade.

1.2 A Sociolingüística

A sociolingüística tem como objeto de investigação a diversidade lingüística, a língua falada no momento de comunicação social natural e não-natural.

William Labov foi o primeiro a utilizar esse método de investigação, no qual se leva em conta fatores sociais dentro do estudo dos fenômenos da mudança fonética. Tal método, conhecido também como *Teoria da Variação*, veio evidenciar o caráter social dos fatos lingüísticos e a variabilidade em que estão constantemente sujeitos.

De modo que se optou por ter como fundamentos sociolingüísticos os trabalhos, principalmente, de Labov, o qual determina a **comunidade de fala** como ponto crucial para uma investigação

⁷ Palavra emprestada do espanhol que significa “animal andino”. Câmara Jr. (1977)

⁸ Palavra de origem indígena.

sociolingüística, definindo-a assim “[...] como um grupo de pessoas que compartilham um conjunto de normas comuns com respeito à linguagem, e não como um grupo de pessoas que falam do mesmo modo” (LABOV, 1974, p. 63).

Cada comunidade lingüística (ou comunidade de fala)⁹ apresenta, normalmente, variações em todos os níveis da estrutura lingüística: fonético, gramatical e lexical. Tais variações ou **diversidades lingüísticas** são condicionadas pela identidade social do emissor, identidade social do receptor e pelas condições da situação comunicativa (BRIGHT, 1974).

Do mesmo modo, Alkmim (2001, p. 33) afirma que toda comunidade lingüística apresenta variações:

Qualquer língua, falada por qualquer comunidade, exhibe sempre variações. Pode-se afirmar mesmo que nenhuma língua se apresenta como uma entidade homogênea. Isso significa dizer que qualquer língua é representada por um conjunto de variedades. Concretamente: o que chamamos de “língua portuguesa” engloba os diferentes modos de falar utilizado pelo conjunto de seus falantes do Brasil, em Portugal, em Angola, Moçambique, Cabo Verde, Timor etc.

Toda comunidade de fala apresenta **regras variáveis** que, segundo Monteiro (2000), aplicam-se sempre quando duas ou mais variantes estão em concorrência no mesmo contexto e a escolha de uma variante depende de uma série de fatores, tanto de ordem interna ou estrutural ou de ordem externa ou social¹⁰.

Duas ou mais formas distintas de se transmitir um conteúdo informativo constituem, pois uma *variável lingüística*. As formas alternantes, que expressam a mesma coisa num mesmo contexto, são denominadas de *variantes lingüísticas* (MONTEIRO, 2000, p. 59).

Segundo Fischer (1974, p.93), dentre outros motivos, “as pessoas adotam uma determinada variante para expressar o que sentem quanto ao seu *status* em relação a outros falantes”.

Também uma determinada variante pode caracterizar **conservadorismo** ou **inovação**:

⁹ Neste trabalho, *comunidade lingüística* é usada como sinônimo de *comunidade de fala*, uma vez que, embora os teóricos apresentem conceituações diferentes para uma e outra, não se consegue chegar a uma definição precisa sobre as duas expressões. Monteiro (2002, p. 40-45)

¹⁰ A Sociolingüística emprega os termos *variável* e *variante* em substituição aos termos *fonema* e *alofone* empregados pela Fonologia, respectivamente.

É natural que, havendo duas ou mais formas de se transmitir uma dada informação, se configure um processo de mudança lingüística. Há então uma espécie de conflito em que a forma mais antiga, denominada de *conservadora*, pode terminar sendo substituída pela mais recente ou *inovadora*. Em geral, quando se trata do dialeto padrão, a primeira é a que goza de maior prestígio na comunidade, e a inovadora, até ser aceita, sofre alguma restrição ou estigma (MONTEIRO, 2000, p. 65).

Por tudo isso, não é novidade afirmar que a linguagem e a sociedade vivem em um permanente processo dialético e, portanto, de transformação, uma vez que o falante é um ser atuante na sociedade, influenciando e influenciado pela sua comunidade lingüística.

“A tarefa da sociolingüística é, portanto, demonstrar a covariação sistemática das variações lingüística e social, e, talvez, até mesmo demonstrar uma relação causal em uma outra direção” (BRIGHT, 1974).

Nesse tipo de análise, relaciona-se o fato lingüístico (teoria, método e objeto) a fatores externos à língua. Pois, é sabido que por meio da interação social, do convívio dentro de uma determinada comunidade, o homem constrói a sociedade que o cerca e, ao mesmo tempo, se constrói.

Segundo Labov (2008, p. 21) “[...], as pressões sociais estão operando continuamente sobre a língua, não de algum ponto remoto no passado, mas como uma força social imanente agindo no presente vivo”.

Portanto, dentro dessa perspectiva, nota-se que a variação lingüística, aspecto próprio do sistema lingüístico, dá-se pelo uso de variantes diversas que podem ser determinadas por fatores de ordem social dentro da estrutura social.

A realização de variantes dentro de uma comunidade pode ser fator de identificação de grupos sociais. “(...) a língua pode ser um fator extremamente importante na identificação de grupos, em sua configuração, como também uma possível maneira de demarcar diferenças sociais no seio de uma comunidade” (TARALLO, 2003, p. 14).

Desse modo, para Alkmim (2001) “Os falantes adquirem variedades lingüísticas próprias a sua região, a sua classe social etc. [...], podemos descrever as variedades lingüísticas a partir de dois parâmetros básicos: a variação geográfica (diatópica) e a variação social (diastrática)”.

A variação diatópica relaciona-se à presença de diversidades lingüísticas (lexical, fonética, gramatical) no mesmo espaço físico, mas de procedência geográfica diferentes como, por exemplo, a fala interiorana e a citadina.

A variação diastrática refere-se a fatores ligados à ordem social como idade, sexo, grau de escolaridade, classe social, contexto social e etc. Logo, a variedade lingüística do falante revela a sua identidade social.

Assim, a Sociolingüística adota critérios para esse tipo de investigação, dentre os quais a faixa etária, isto é, os informantes devem, preferencialmente, pertencer a grupos etários diferenciados (jovens, meia-idade e velhos), pois, só assim, poder-se-á verificar quais as variantes conservadoras e quais as inovadoras; o sexo, pois, dessa forma verificar-se-á se ocorrem diferenças relevantes entre a fala de mulheres e homens.

É sabido que há diferença lingüística de gêneros, por isso, observar o comportamento lingüístico entre homens e mulheres se mostra relevante para esta pesquisa.

Segundo Serafim da Silva Neto (1970), “Todos aquêles que têm pesquisado, meticulosamente, os falares atuais, observam que a linguagem da mulher é mais conservadora do que a do homem”. Essa assertiva é atribuída a fatores de ordem social de uma sociedade patriarcal em que a mulher trabalhava apenas em casa e não possuía instrução escolar.

Segundo Monteiro (2002, p. 72), “o discurso feminino é marcado por tabus lingüísticos, eufemismo, estrutura de polidez, purismo, conservadorismo, etc”.

Fischer (1974, p. 88), em sua pesquisa *Influências sociais na escolha de variantes lingüísticas*, observou a variação no uso do particípio do presente de *-ing* e *-in* entre meninas e meninos, no qual evidencia a escolha do sexo feminino pelo *-ing*, forma considerada de prestígio pela comunidade, demonstrando, assim, a preferência das mulheres pelo uso da variante padrão.

Para Labov (2008), em diversas pesquisas foi notória a diferença entre a fala de mulheres e homens, atribuindo-se, às vezes, à suscetibilidade das mulheres à forma padrão as mudanças lingüísticas:

O elegante e convincente estudo de Gauchart estabeleceu a variabilidade do dialeto de Charmey, a existência de mudança em progresso, e o papel das mulheres na promoção da mudança lingüística.

[...]

Trudgill (1971) mostra que em Norwich as mulheres são mais influenciadas pelas formas-padrão do que os homens, mas que os homens estão na dianteira no uso de novas formas vernáculas na fala informal. A generalização correta, então, não é de que as mulheres lideram a mudança lingüística, mas sim que a diferenciação sexual da fala frequentemente desempenha um papel importante no mecanismo de evolução da língua.

Assim, “Dos possíveis fatores externos, os que mais têm sido discutidos são o estilo de fala, o **sexo**, a **idade**, a **escolaridade**, a profissão, a classe social, **a região** ou zona de residência e **a origem do falante**” (MONTEIRO, 2002, p. 68, grifo meu).

Afora os fatores **sexo** e **idade**, na análise dos dados deste trabalho, levar-se-á em consideração as características **nível de escolaridade** e **origem** dos membros da comunidade lingüística em questão, seguindo os princípios da sociolingüística e da dialetologia.

Nesta pesquisa, porém, não se objetivou analisar minuciosamente cada um desses critérios citados acima para fins de nivelar as diversas manifestações das palatais /ʎ/ e /ɲ/ dentro das classes sociais alta, média e baixa; e sim em considerar tais parâmetros para se chegar à fala mais natural possível do falar amazônico, isto é, aquela fala minimamente influenciada por fatores sociais como, por exemplo, a Escola, os meios de comunicação e etc.

O levantamento de informações, levando em consideração a faixa etária e o sexo dos informantes, é fundamental para se verificar o efeito que tais fatores apresentam quanto ao comportamento das palatais /ʎ/ e /ɲ/ nas comunidades lingüísticas arroladas na pesquisa.

Caso se queira, poder-se-á ainda, através do cruzamento dos resultados do fator idade, acurar a dimensão histórica da mudança lingüística pelos falantes das comunidades de *Itapiranga e Silves*.

Para tanto, pretende-se fazer o registro das variantes através da apresentação de cartas lingüísticas e fazer um percentual gráfico para demonstrar a frequência de uso dessas variantes.

Assim, tais critérios assumem uma grande relevância para esta pesquisa, haja vista eles contribuirão, além do já exposto acima, para o conhecimento da realidade lingüística existente no Amazonas e no Brasil. Poderá, ainda, futuramente, contribuir para a diminuição do fracasso escolar,

pois, a sociolinguística também objetiva desfazer a idéia de homogeneidade linguística existente e disseminada pela escola, que acaba contribuindo para o crescimento do preconceito linguístico não só em nosso país, mas em todos os que falam a língua portuguesa.

Tomando como base essas concepções teóricas, buscou-se registrar a variação das variantes palatais /ʎ/ e /ɲ/, realizadas nas comunidades dos municípios de *Itapiranga* e *Silves* e, assim, poder contribuir para o conhecimento linguístico da região amazônica.

1.3 A Dialectologia

A Dialectologia é um ramo da Linguística que estuda a variação da Língua em sua forma oral e, logo, imprescindível para uma boa análise linguística. Sua metodologia – a geolinguística - possibilita o registro e a comparação das muitas maneiras de se falar dentro de uma mesma região, contribuindo para identificação de fenômenos linguísticos e para a caracterização da fala de uma determinada localidade.

Antenor Nascentes, Serafim da Silva Neto, Celso Cunha e Nelson Rossi introduziram uma nova visão sobre as pesquisas da variação, dando início aos estudos de Geografia Linguística no Brasil que é:

“(...) o método dialectológico e comparativo [...] que pressupõe o registro em mapas especiais de um número relativamente elevados de formas linguísticas (fônicas, lexicais ou gramaticais) comprovadas diante de pesquisa direta e unitária numa rede de pontos de determinado território, ou que, pelo menos, tem em conta a distribuição das formas no espaço geográfico correspondente a língua, as línguas, aos dialetos ou aos falares estudados” (COSERIU *apud* BRANDÃO, 1991, p. 9-10).

A Geografia Linguística ou Geolinguística apresenta o método utilizado pela dialectologia e é reconhecida, no Brasil, com a publicação do *Atlas Prévio dos Falares Baianos -APFB* (1963), por Nelson Rossi. Após essa obra, foram elaborados mais oito atlas, a saber: *Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais -EALMG* (1977), *Atlas Linguístico da Paraíba -ALPb* (1984), *Atlas Linguístico de Sergipe -ALS* (1987), *Atlas Linguístico do Paraná -ALPr* (1990), *Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil -ALERS* (2000) *Atlas Linguístico Sonoro do Pará -ALISPA* (2004), *Atlas Linguístico do Amazonas- ALAM* (2004), além de outros em andamento.

O estudo dialetológico para esta pesquisa mostrou-se, portanto, relevante, uma vez que, através da geolinguística, método adotado pela dialetologia, pode-se registrar dados da língua portuguesa, especificamente referentes aos fonemas /k/ e /ɲ /, falado nas localidades amazônicas em foco, em cartas lingüísticas e, portanto, verificar as mudanças ocorridas na língua e registrar os reais falares existentes nas áreas geográficas investigadas.

Nesse ponto, concorda-se com Monteiro (2000) em afirmar ser as pesquisas dialetais relevantes para a inquirição das variações linguísticas nos níveis diatópicos, diastráticos e, também, nas investigações diacrônicas, pois, vários estudos comprovam a sua eficácia na apresentação das diversas etapas de mudança da língua.

Assim, Serafim da Silva Neto (1955) recomenda o inquérito linguístico *in loco* para uma investigação dialetal qualitativa, pois, somente o inquiridor poderá saber com precisão a que aspecto dar-se-á mais relevância no dado momento da inquirição. Além disso, recomenda a elaboração de questionários pertinentes ao cotidiano do informante como, por exemplo, perguntas sobre a terra (floresta, planta, frutas, árvores etc.), os animais e o homem.

Suzana Cardoso (1999) enfatiza a importância das pesquisas dialetais em níveis regionais e nacional, explicando que uma descrição acurada da língua brasileira só virá a contribuir para a compreensão da língua materna e, por conseguinte, para o ensino-aprendizagem da mesma, uma vez que poder-se-á dirimir o preconceito lingüístico sobre as variantes não-padrão, retirando destas o estigma de erradas.

A par dos estudos fonético-fonológicos, a Sociolinguística e a Dialetologia são estudos linguísticos que reconhecem a heterogeneidade da língua e, por isso, focados na reflexão sobre o uso da fala, verificando se as variações linguísticas estão associadas a aspectos de ordem sociais. No entanto, a Dialetologia volta-se mais para o estudo das variações regionais (geográficas) e a Sociolinguística para as variações socioculturais.

(...) a dialetologia tem como centro de interesse estudar as unidades sintópicas e, sobretudo a diversidade diatópica, enquanto caberia à sociolinguística o estudo das unidades sinstráticas e a

diversidade diastrática...(COSERIU *apud* CARLOTA FERREIRA, SUZANA CARDOSO, 1994, p. 17)

Como se observa, a sociolinguística e a dialetologia se completam e juntas contribuem muito para o enriquecimento de uma análise investigatória deste cunho.

É, portanto, do fato de uma localidade constituir, antes de tudo, um complexo social em permanente mutação que advêm não só as dificuldades de se delimitarem redes em pesquisas geolinguísticas mais amplas, mas também a certeza de que, para em parte superá-las e assim dar conta da multidimensionalidade dos fenômenos lingüísticos, é necessário aliar os métodos da Sociolingüística aos da Dialectologia e acercar-se de outros ramos da ciência. (BRANDÃO, 1996)

Por isso, mesclar, na pesquisa lingüística, princípios sociolingüísticos e dialetológicos é fundamental, pois “ambos estudam a língua falada, o uso lingüístico e estabelecem as relações que existem entre certos traços lingüísticos e certos grupos de indivíduos” (SILVA-CORVALAN, 1988).

2. O PANORAMA HISTÓRICO DO AMAZONAS

Neste ponto, apresenta-se um breve histórico sobre o estado do Amazonas e sobre os municípios de Itapiranga e Silves, localidades onde se realizou a pesquisa.

2.1 Aspectos Históricos

O índio foi obrigado a conviver com a tirania,
A injustiça, a prepotência, a opressão,
Perdeu o direito de falar a sua língua (...)
Virou escravo do seu próprio chão...

Alexandre Ferreira

O processo de ocupação da Amazônia ocorreu pela busca das drogas do sertão e da captura dos índios. O colonizador para tomar posse da terra expulsou, escravizou e matou os grupos que habitavam nela, isto é, fez um verdadeiro e enorme genocídio. Assim ocorreu em toda região amazônica, entretanto, neste trabalho, dar-se-á destaque para o território que corresponde ao estado do Amazonas.

Ao longo de todo o século XVII e XVIII acontecem, no Amazonas, caças às populações indígenas, imposição da cultura do branco (através principalmente da aniquilação da língua indígena), além da mestiçagem entre o índio, o europeu e o negro. Ao final do século XVIII, vê-se uma nova população fruto dessas ações - o caboclo. O período pombalino foi determinante para a formação e construção desse novo personagem e povoamento, porém, nocivo à cultura indígena.

Daí a indissimulável protéria com que agiram ambos os povos, arruinando-se ao mesmo tempo as duas culturas, no início, amparadas mais tarde pelo gênio dos estadistas portugueses, quando viram que a função da raça devia ser a europeização do meio, e antes que os dissolventes sociais da terra eliminassem os resíduos fundamentais do meridional, a língua, os costumes, os hábitos, a própria andadura política. Esse foi o motivo da dissidência que culminou com a ruína e o desaparecimento de tribos inteiras reduzidas ao cativo (YPIRANGA MONTEIRO, 2000, p. 26).

Para as Nações “civilizadas”, a imposição da língua é mais que uma forma de evidenciar quem é o conquistador e os conquistados. É uma maneira de civilizar e dominar. Assim, “Da mesma maneira, a língua própria de cada Nação indígena não deve ser consentida, de modo algum” (Silva, 1996, p.71).

Logo, a população atual do Amazonas é fruto da destribalização e miscigenação corrente nesse período e, exatamente por isso, apresenta características lingüísticas próprias assim como o resto do Brasil.

2.1.1 Amazonas, a Capitania de São José do Rio Negro

Segundo Garcia, o Amazonas tem sua origem com a Capitania de São José do Rio Negro. Hoje, é uma das 27 unidades federativas do Brasil, sendo a mais extensa delas, ocupando uma área de 1.570.745,680km².

Está situado na região Norte do país e tem como limites a Venezuela e Roraima a norte, o Pará a leste, o Mato Grosso a sudeste, Rondônia a sul, o Acre a sudoeste, o Peru a oeste e a Colômbia a noroeste. Sua capital é a cidade de Manaus.

Figura 1 – Mapa do Estado do Amazonas e seus limites



Fonte: Lippi, 2007.

Em 03 de março de 1755 foi criada a Capitania de São José do Rio Negro, com sede na aldeia de Mariuá, porém, subordinada ao Estado do Grão-Pará e Maranhão.

Em 1790 foi elevada à vila de Barcelos. No início do século XIX, a sede do governo da Capitania foi transferida para a povoação da barra do Rio Negro, elevada a *Vila da Barra do Rio Negro* para esse fim, em 29 de março de 1808. À época da Independência do Brasil em 1822, os moradores da vila proclamaram-se independentes, estabelecendo um Governo Provisório. A região foi incorporada ao Império do Brasil, na Província do Pará, como Comarca do Alto Amazonas em 1824. Ganhou a condição de Província do Amazonas pela Lei n° 582, de 5 de setembro de 1850, sendo a *Vila da Barra*

do Rio Negro elevada a cidade com o nome de Manaus, pela Lei Provincial de 24 de outubro de 1848 e capital em 5 de janeiro de 1851.

Ainda durante o século XVIII algumas missões indígenas no rio negro passaram à categoria de vila ou lugar, devido à importância econômica advinda da produção de cacau, café, anil, tabaco, algodão, mandioca, etc.

Já nos fins do século XIX e início do XX, a Amazônia vive um período de grande desenvolvimento econômico por causa da extração do látex, goma retirada da seringueira e da qual se produz a borracha. Durante essa fase migram pessoas de vários países e, principalmente do estado do Ceará.

O Amazonas, obviamente, vive esse grande momento econômico, chegando a disputar o mercado mundial do látex. A sua capital, Manaus, apresenta, em sua paisagem urbana, vários monumentos que simbolizam a fase áurea da borracha no Estado.

Com a implantação da Zona Franca de Manaus, em 1967, o Amazonas vive um novo momento em sua economia, com a criação do Pólo Industrial e geração de emprego e renda. Ocorre, nesse período, um novo surto migratório.

Na atualidade, o Pólo Industrial de Manaus (PIM), vem atraindo investidores não só do Brasil como de outros países para os pólos tecnológicos existentes na região, colocando em relevo o potencial econômico da Amazônia e abrindo muitas oportunidades de negócios na região.

A base da economia amazonense está na indústria, na mineração, na pesca e no extrativismo que se dá, também, pela extração do petróleo e do gás natural.

2.2 Caracterização político-administrativo-demográfica do Amazonas

O Amazonas é um dos poucos estados brasileiros que não possui litoral, mas possui a maior bacia hidrográfica e o maior rio do mundo, a Bacia Amazônica e o rio Amazonas

No Estado, os rios são as estradas e as enormes distâncias são medidas em horas ou em dias de viagem de barco, Juruá, Purus, Madeira, Negro, Amazonas, Içá, Solimões, Uaupés e Japurá são os rios principais. Alguns municípios possuem pistas para operações de aeronaves.

De acordo com a Constituição Estadual de 05 de outubro de 1989, o Amazonas divide-se em 62 municípios e nove *microrregiões*: **Alto Solimões** (Atalaia do Norte, Amaturá, Benjamin Constant, Equador, Estirão, Santo Antonio do Ica, Sao Paulo de Olivenca, Tabatinga e Tocantins); **Jutai-Solimoes-Juruá** (Alvarães, Bittencourt, Fonte Boa, Japurá, Juruá, Jutáí, Maraã, Tamaniquá, Tefé e Uarini); **Purus** (Boca do Acre, Camaruã, Canutama, Lábrea e Tapauá); **Juruá** (Canamari, Carauari, Eirunepé, Envira, Guajará, Ipixuna e Itamarati); **Madeira** (Apuí, Axinim, Auxiliadora, Borba, Humaitá, Manicoré, Novo Aripuanã e Sucunduri); **Alto Rio Negro** (Barcelos, Iauareté, Santa Isabel do Rio negro e São Gabriel da Cachoeira); **Rio Negro-Solimões** (Anamã, Anori, Autazes, Beruri, Caapiranga, Careiro, Careiro da Varzea, Coari, Codajás, Iranduba, Manacapuru, Manaquiri, Manaus, Moura, Novo Airão e Rio Preto da Eva); **Médio Amazonas** (Amatari, Itacoatiara, *Itapiranga*, Maués, Nova Olinda do Norte, Presidente Figueiredo, *Silves* e Urucurituba); **Baixo Amazonas** (Barreirinha, Boa Vista do Ramos, Nhamundá, Parintins, São Sebastião do Uatumã e Urucará).

O Estado possui Escolas de Ensino Superior público e privado na capital e em alguns municípios. Tem diversos pontos turísticos, a saber, o Teatro Amazonas, a Praia da Ponta Negra, o Ariaú – hotel de selva-, o Encontro das águas – rio Negro e Solimões entre outros; além das festas típicas de cada município que atraem muitos turistas.

Seu corpo administrativo é composto pelo governador e um vice, três senadores, oito deputados federais, vinte e quatro deputados estaduais e trinta e oito vereadores.

O Amazonas possui, ainda, uma formação empírica diversificada, como se observa na tabela:

Tabela 01 – Formação da população amazonense (tipos étnicos)

Cor/Etnia	Porcentagem
<u>Parda</u>	70.5%
<u>Branca</u>	21.0%
<u>Preta</u>	4.3%
Amarela ou indígena	4.2%
Total	100%

Fonte: IBGE, 2007.

2.3 Municípios Investigados

2.3.1 Itapiranga ou Pedra vermelha

Figura 2 – Mapa do município de Itapiranga



Fonte: Wikipédia, 2008.

2.3.1.1 Perfil Histórico

Figura 3 – Fotos da cidade de Itapiranga



Fonte: Pesquisa de Campo, 2008.

Em 1952 foi criado o município de Itapiranga, contando em sua área com a atual vila de Balbina. Possui uma área territorial de 4.240 km². A sede do município está situada à margem esquerda do paraná de Urucará. Está localizada a 180 km de Manaus, por via terrestre e 233 km, por fluvial, sendo a 8^a sub-região da região Médio Amazonas.

Segundo o historiador Beltrão (1998), Itapiranga foi o primeiro núcleo Europeu do Amazonas, sendo Silves a primeira comarca administrativa do município.

O povoamento da região tem seu marco inicial na fundao da Missão do Saracá, por Frei Raimundo da Ordem das Mercês, em 1660.

Habitavam a região os ndios Caboquenas, Buruburus e Guanavenas.

A denominação de Saracá dada à missão, pelo seu fundador, originou-se no lago em cujo centro se encontra a ilha de Silves ou de Saracá, onde se instalara a missão.

Em 1663, sangrentas lutas são travadas entre colonizadores portugueses e os silvícolas, próximos ao Rio Urubu.

Como se pode observar, as histórias de Itapiranga e Silves estão tão intrincadas que se confundem.

Em 25.11.1663, Pedro da Costa Favela chega a foz do rio Urubu, ai desembarcando parte de sua tropa para a manutenção da ordem.

Em 01.02.1873, pelo Decreto Imperial nº 5.210, o termo judiciário de Silves foi anexado ao de Serpa (atual Itacoatiara).

Em 31.03.1938, pelo Decreto-Lei Estadual nº 68, o município de Silves passou a denominar-se Itapiranga. Em virtude desse mesmo Decreto é elevada a sede do município à categoria de cidade. Neste mesmo, pelo Decreto-Lei Estadual nº 69, o município de Itapiranga figura com um só distrito. Pelo Decreto-Lei Estadual de 1º de Dezembro do mesmo ano, é criado o distrito de Silves, passando então o município de Itapiranga a constituir-se de dois distritos: Itapiranga e Silves.

Em 11.03.1941, pelo decreto Estadual 540, o termo de Itapiranga foi extinto.

Em 05.03.1945, pelo decreto nº. 1.400, figura como termo da comarca de Itacoatiara.

Em 24.12.1952, pela Lei Estadual nº. 226, que reforma a Lei Judiciária do Estado, criou-se a comarca de Itapiranga.

O nome que designa a cidade de Itapiranga é de origem indígena e foi dado a uma pedreira que tem seu porto. A palavra ITA significa pedra e PIRANGA significa vermelha, encarnada. Dessa forma, Itapiranga quer dizer “pedra vermelha”.

O município, hoje, possui uma infra-estrutura com saneamento básico, rede elétrica, telefonia fixa (além de telefone móvel), correio, escolas de nível fundamental e médio, centro de saúde, uma praça de alimentação de frente para o rio, restaurantes, delegacia, hotéis e outros. No que diz respeito ao lazer, o principal esporte praticado pelos jovens é o vôleibol.

As festas relevantes para localidade são as da padroeira, Nossa Senhora de Nazaré, que ocorre todo dia 08 de setembro e o festival folclórico que ocorre todo dia 21 de junho, sendo a brincadeira junina mais importante a disputa entre os bois Surubim e Mineirinho¹¹.

Além dos festejos acima, todo dia 02 de cada mês ocorre na cidade uma romaria em intenção a Nossa Senhora da Paz, sendo as romarias do dia 02 de maio e 05 de agosto as maiores; isso porque a primeira é a data do aniversário da aparição da santa para Edson Glauber e a segunda, o dia do aniversário dela¹².

Esse evento atrai, segundo os moradores, muitos turistas e traz uma grande movimentação para a localidade. Tal fato evidencia a grande religiosidade presente nos itapiranguenses.

¹¹ dado coletado através de informação verbal em conversas com os moradores.

¹² dado coletado através de informação verbal em conversas com os moradores.

2.3.2 Silves, a antiga aldeia de Saracá¹³

Figura 4 – Mapa do município Silves



Fonte: Wikipédia, 2008.

2.3.2.1 Perfil Históricos

Figura 5 – Fotos da cidade de Silves



Fonte: Pesquisa de Campo, 2008.

O município de Silves possui um território de 3.671 km² e está localizado a 283 km de Manaus, por via terrestre, e 212 km, por via fluvial, sendo a 8^a sub-região da microrregião do Médio Amazonas.

Segundo Ribeiro (1991), Silves é considerado o primeiro núcleo Europeu, criado em território do atual estado do Amazonas.

¹³ Subtítulo dado ao 1º. capítulo da obra *Vida e Morte no Amazona*, de Sylvia Aranha de Oliveira Ribeiro. 1991.

A história de Silves está intimamente associada à de Itapiranga, por já terem formado uma mesma unidade administrativa, com as atuais respectivas sedes se alternando no decurso do tempo como sede do município que então englobava a ambos. O povoamento da região tem seu marco inicial com a Missão de índios, chamada aldeia de Saracá, fundada por Frei Raimundo, da ordem das Mercês em 1660.

A aldeia tinha essa denominação por estar situada na região do rio Urubu, mas precisamente no lago Saracá. Além disso, saracá é o nome de uma formiga muito comum na região¹⁴.

A missão cresceu reunindo índios das famílias Tapuias¹⁵, Caboquenas e Guanavenas.

Em 1663, sangrentas lutas são travadas entre os colonizadores portugueses e os indígenas perto da foz do rio Urubu. Lutas das quais saem vitoriosos os índios, Guanavenas e Caboquenas. No final desse ano, Pedro da Costa Favella, é nomeado tenente-general e chefe da expedição punitiva aos índios. Pedro Favella desembarcou suas tropas e adentrou pelo sertão em perseguição aos Guanavenas e Caboquenas.

Em 1665, Favella incendiou trezentas aldeias, depois de ter matado inúmeros homens valorosos das Nações e levando outros mais como prisioneiros aos quais saiu arrastando por Belém evidenciando, assim, a vitória do governador Ruy Vaz de Siqueira. Sendo os indígenas intitulados de “abortos da racionalidade”, “bárbaros” e etc.¹⁶.

Talvez, com isso, entendamos por que não só os silvenses, mas também os amazonenses reneguem suas raízes indígenas. Pois, o retrato indígena pintado pelo colonizador é bestial, por isso não se aceita ser índio ou descendente do mesmo. Tal estigma o inferioriza e eclipsa o seu verdadeiro valor.

Em 1759, a já aldeia de Saracá é elevada à vila, com a denominação de Silves e como sede do município de igual nome. Nesse período, no governo português de Pombal, os nomes indígenas de muitas localidades brasileiras passaram a receber denominação portuguesa, sendo Silves uma homenagem a velha cidade portuguesa do Algarve.

¹⁴ *Vida e Morte no Amazonas*, de Sylvia Aranha de Oliveira Ribeiro. 1991, p. 17.

¹⁵ Denominação dada aos indígenas que falam um dialeto caracterizado pela mistura da língua indígena com a portuguesa, índios destribalizados.

¹⁶ *Vida e Morte no Amazona*, de Sylvia Aranha de Oliveira Ribeiro 1991, p. 19.

Também todos **os índios, ao serem batizados, passam a ter nomes portugueses, decorrência da política de Pombal**, em 1957, em que o então governador, Mendonça Furtado, passa a vigorar um diretório no Pará e Maranhão, **no qual é proibido o uso da língua materna pelas nações indígenas ou da língua geral – o nheengatu -, obrigando o uso da língua portuguesa nas escolas e o emprego por parte dos índios de sobrenomes em português** (FREIRE, 1987, p. 38, grifo meu).

Tal fato evidencia e corrobora que o aniquilamento da cultura de um povo se dá pela modificação do nome, que manifesta a sua origem, e pela interdição de sua língua, que revela sua real identidade.

O município é extinto em 1833 e restabelecido em 1852. A criação do município de Silves foi confirmada em 1892. Em 1922, a sede do município é transferida para Itapiranga, sendo este povoado elevado à vila. Em 27.02.1925, pelo Decreto Estadual nº 23, a sede do município retorna a Silves. Em 1930, o município é anexado ao de Itacoatiara, mas é restabelecido em 1935, porém, sua sede permanece em Itapiranga.

Em 1938, o município passa a denominar-se Itapiranga, com sede na Vila do mesmo nome, então elevada à cidade, pois o decreto determinava que as vilas, cabeças de município e sedes de termos judiciários passassem a categoria de cidade. Pelo decreto-lei estadual nº. 176 de 1938, o município de Itapiranga tem sua estrutura administrativa definida com dois distritos: Itapiranga e Silves.

Em 29.12.1956, pela Lei Estadual nº. 117, os silvenses são atendidos em suas reivindicações em ver o município de Silves novamente autônomo e não mais reduzido a um simples povoado. Itapiranga também passa a ter sede própria.

Em 10.12.1981, pela Emenda Constitucional nº. 12, Silves perde partes de seu território, em favor dos novos municípios de Rio Preto da Eva e Presidente Figueiredo.

A população de Silves é formada, principalmente, por caboclos descendentes de indígenas, por portugueses, por espanhóis e, ainda, por nordestinos, em especial os cearenses que migraram para Amazônia na época do apogeu da borracha.

A festa em homenagem a padroeira do município, Nossa Senhora da Conceição, é um evento muito importante na cidade e acontece todo dia 08 de dezembro¹⁷.

Atualmente, a infra-estrutura da localidade é básica, contando com dois bancos, uma delegacia, igreja, escolas de nível básico, pequenas mercearias, hospital, restaurantes, hotéis, rede elétrica e de telefonia fixa, uma linda praia, onde ocorre todo mês de setembro a “Festa de Saracá”.

¹⁷ Informação adquirida, durante a pesquisa de campo, em conversas com o os moradores da localidade.

3. FUNDAMENTOS METODOLÓGICOS

Para a concretização deste trabalho sobre *A realização das variantes palatais /ʃ/ e /j/ nos municípios de Itapiranga e Silves (parte do Médio Amazonas)*, optou-se por ter como base teórico-metodológica a Sociolinguística Variacionista de Willian Labov e a Geografia Linguística, preconizada no Brasil por célebres autores como Antenor Nascentes, Serafim da Silva Neto, Celso Cunha e Nelson Rossi, tendo em vista tais metodologias virem ao encontro do interesse desta pesquisa que é a de documentar dados linguísticos de forma a constatar a heterogeneidade da língua e seus diversos falares.

Os processos efetivados neste trabalho foram a pesquisa bibliográfica e a pesquisa de campo. Processos de fundamental relevância para um estudo deste cunho.

Na pesquisa bibliográfica obteve-se a fundamentação teórica, suporte indispensável para se alcançar com êxito a realização da investigação; já através da pesquisa de campo, imprescindível para este tipo de trabalho, tendo em vista que se parte da observação do comportamento linguístico humano, coletaram-se os dados necessários junto à comunidade linguística em foco.

Assim, usando como parâmetros as concepções metodológicas das teorias mencionadas acima, norteou-se a pesquisa por alguns critérios indispensáveis:

- I - Definição da variável a ser observada;
- II - Definição da comunidade linguística a ser estudada;
- II - O perfil do informante ideal e o número de informantes necessários;
- IV – Elaboração e execução do Inquérito

3.1 A Coleta dos Dados

A coleta de dados foi feita pela pesquisadora *in loco*, através da aplicação de um questionário direto e de conversação livre, registrados em gravador de marca *jwin* e microcassetes *panasonic* com duração de 60m, por meio dos quais foi possível fazer, posteriormente, a transcrição fonética.

Ferreira e Cardoso (1994) preconizam inquéritos lingüísticos *in loco* uma vez que possibilitam o registro da fala por meio de gravador, podendo ser ouvida posteriormente ou, ainda, quantas vezes forem necessárias para a análise.

O inquérito *in loco* são os mais recomendáveis. Nesse caso, os dados costumam ser anotados de imediato pelo documentador ou serem registrados em fita magnetofônica para, em ambas as situações, posterior análise. Com a gravação dos dados pereniza-se (até as condições técnicas permitirem) a informação, possibilita-se uma análise mais acurada e garante-se ao pesquisador o direito de proceder a tantas audições quantas forem necessárias para o entendimento pleno do texto e a análise a que se está propondo. (FERREIRA, CARDOSO, 1994, P. 30).

Durante a coleta, buscou-se, ainda, deixar os informantes mais à vontade possível, visando à naturalidade nas respostas às questões. Para tanto, inicialmente, deixou-se que falassem sobre si sem o uso do gravador; só após, fez-se o registro dos dados da fala.

3.2 A Localidade

De acordo com Brandão (1991), o estudo antecedente das localidades onde se pretende fazer a investigação lingüística é fundamental para se conhecer a história da região, suas características e assim constituir uma pesquisa fundamentada e segura.

Para que se chegue a uma descrição fidedigna da realidade lingüística de um país, região ou localidade – por meio de uma amostragem como a que os atlas lingüísticos propiciam -, é fundamental não só que se recolham e analisem os dados segundo rigorosa metodologia específica, mas também que se proceda a um estudo preliminar que possibilite conhecer as especificidades da região em que se desenvolverá a pesquisa e dos segmentos sociais que a constituem.(BRANDÃO, 1991, p.25).

Assim, para realização dos inquéritos fez-se, em cada município, antecipadamente, um levantamento socio-histórico e, quando da inquirição, buscou-se ir às áreas mais isoladas dentro da cidade, visando coletar a(s) realização(ões) mais natural(is) possível(is) das palatais /ʎ/ e /ɲ/, na fala local.

3.3 O Informante Ideal

Em cada município foram selecionadas seis pessoas seguindo-se os mesmos critérios sociolinguísticos utilizado por Cruz (2004) no *Atlas Lingüístico do Amazonas - ALAM*, a saber: três homens e três mulheres, nas faixas etárias entre 18 a 35 anos; 36 a 55; 56 anos em diante.

Além dos critérios já citados, os informantes que participaram da pesquisa possuíam as seguintes características, preconizadas pela dialetologia:

- 4ª série (primeiro segmento) do Ensino fundamental;
- Natural da localidade selecionada e possuindo pais e cônjuge da mesma localidade;
- Não se mantiveram afastado da localidade por mais de 1/3 de sua vida;
- Apresentavam boas condições de fonação.

As pessoas inquiridas tiveram que preencher necessariamente os requisitos acima porque a intenção do trabalho era, também, a de se chegar ao falar amazônico que tivesse sofrido o mínimo de influência externa, pois uma localidade quanto mais isolada, isto é, quanto menor for o acesso aos meios de comunicação de massa, à escola, etc, menor mudança lingüística apresenta.

Serafim da Silva Neto (1970) diz ser as mudanças lingüísticas frutos da estrutura social, isto é, das condições sociais do falante como o acesso à escola, às mídias, ao contato com outras comunidades e etc.

A vida social oscila entre a imitação dos antigos e a difusão das inovações. [...].
O equilíbrio entre a *imitação-costume* e a *imitação-moda* é que explica a relativa e aparente estabilidade.

A preponderância de uma delas significará evolução lenta ou precipitação no sentido geral das tendências.

Contam-se entre os fatores que favorecem o prestígio do costume:

culto dos antepassados;
isolamento físico;
isolamento lingüístico;
isolamento social;
vida caseira;
analfabetismo;
reverência aos livros sagrados;
sedentariedade;
falta de contatos culturais.

(SILVA NETO, 1970, P.30-31)

No entanto, aparentemente, não foi o que se encontrou, pois as duas localidades investigadas já possuíam infra-estrutura bastante adiantada. Isso dificultou a procura pelo informante ideal, tendo em vista que a maioria da população maior de 18 anos já possuía escolaridade acima da 4ª série primária.

A busca por informantes ideais, ou seja, que preenchessem todos os critérios já mencionados foi árdua, mas com muita determinação foi possível encontrá-los.

Dessa forma, a pesquisa foi realizada com doze informantes, seis em cada localidade.

3.4 O Questionário

O questionário aplicado na inquirição é constituído de 156 questões e foi elaborado pela própria pesquisadora, levando-se em consideração o contexto social e empírico dos informantes, com a finalidade de deixá-los mais à vontade possível, lingüisticamente.

Ainda, no questionário, contou-se com 15 questões do questionário fonético-fonológico (QFF), aplicado no ALAM (Cruz, 2004).

Para Tarallo (2003), é interessante a elaboração de um questionário-guia para esse tipo de pesquisa, pois a probabilidade de se coletar respostas idênticas é grande, sendo perspicaz para a observação do fenômeno lingüístico em análise numa comunidade.

Para atingir tais propósitos metodológicos podem-se formular módulos (ou roteiros) de perguntas: um questionário-guia de entrevista. Esses módulos têm por objetivo homogeneizar os dados de vários informantes para posterior comparação, controlar os tópicos de conversação, e, em especial, provocar narrativas de experiência pessoal. (TARALLO, 2003, p.22)

Embora se tenha tomado o cuidado de formular questões de fácil compreensão para as comunidades, durante o inquérito, houve a necessidade de se reformular algumas para se obter as respostas almejadas.

Mesmo assim, não foi possível a obtenção de todas as respostas esperadas, pois algumas palavras desejadas como retorno parecem não fazer parte do conhecimento lexical da comunidade, ou pelo menos, dos entrevistados.

Além da dificuldade de se encontrar o informante ideal, outro problema foi no que tange ao lugar onde se efetivava as entrevistas, como foram todos nas residências, geralmente havia muita interferência de crianças, bichos diversos como galinhas, patos, cachorros e etc; foram raros os inquéritos realizados em um lugar, no próprio domicílio, calmo e tranqüilo, o ideal para a pesquisa.

Assim, afirma Tarallo (2003) “De gravador em punho, o pesquisador-sociolinguísta, como afirmamos, deve coletar: 1. situações naturais de comunicação lingüística e 2. grande quantidade de material, **de boa qualidade sonora**” (grifo meu).

Afora as dificuldades citadas, todos os informantes mostraram-se simpáticos; no entanto, no decorrer da inquirição, pareciam um tanto enfasiados devido à demora.

Antes do início da entrevista, todos os informantes concordaram em realizá-la, assinando o termo aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa – CEP da UFAM.

3.5 A Transcrição dos dados

Para a transcrição fez-se a transferência dos dados gravados para o computador utilizando-se o programa *Audacity 1.3 Beta* por meio do qual foi possível a audição no computador para a transcrição dos dados como também gravá-los em CDs, preservando assim as fitas com as gravações originais.

Uma vez feito isso, pôde-se ouvir as respostas no computador quantas vezes se fez necessário para uma transcrição segura, que foram efetivadas de acordo com o Alfabeto Fonético Internacional – IPA.

3.6 O Programa Computacional

Este trabalho utilizou o *software*, apresentado pelo ALAM (Cruz, 2004), denominado *MVL - Mapeamento de Variação Lingüística*, que possibilita a inserção de todos os dados, inclusive dados sobre os informantes, os municípios, o questionário e de todos os dados transcritos foneticamente.

O *software* possibilitou, especialmente, a produção dos mapas fonéticos.

A versão original do programa foi desenvolvida pela firma *JSK Consultoria e Treinamento*, no Rio de Janeiro. Para esta pesquisa, o *software* teve que receber alguns ajustes, que foram realizados pela aluna do curso de Ciência da Computação da UFAM, Ana Carolina Cabrinha Gama. A nova versão é denominada *MVL-ALAM_Médio Amazonas/2008*.

3.7. A Organização das Cartas Fonéticas

As Cartas Fonéticas somam um total de 113 e estão arroladas na parte II deste trabalho, juntamente com as normas de apresentação, os dados das localidades, dos informantes, o questionário utilizado nesta pesquisa, o índice das cartas e as notas referente às cartas fonéticas.

4. CONSIDERAÇÕES ACERCA DA REALIZAÇÃO DAS PALTAIS /ʎ/ e /ɲ/ NOS MUNICÍPIOS DE ITAPIRANGA E DE SILVES

4.1 AS VARIÁVEIS FONOLÓGICAS DE ACORDO COM OS FATORES SOCIAIS E CONTEXTUAIS NO VOCÁBULO

4.1.1 Faixa etária

Comunidade de Itapiranga e de Silves

- Quanto à palatal /ʎ/

Nos registros abaixo, pôde-se perceber que a lateral palatal [ʎ], em contexto medial do vocábulo, manteve-se predominante em todas as faixas etárias quanto às realizações dentro dos municípios, não ocorrendo, nesse contexto, nenhuma outra variável como, por exemplo, a iotização e/ou apagamento do fonema. O que, aliás, foi uma surpresa por se tratar de uma pesquisa aplicada no meio rural e com pessoas com um baixo grau de escolaridade.

Tabela 02: A Realização de /ʎ/ em 07 cartas no contexto medial do vocábulo

Fonte: Pesquisa de campo

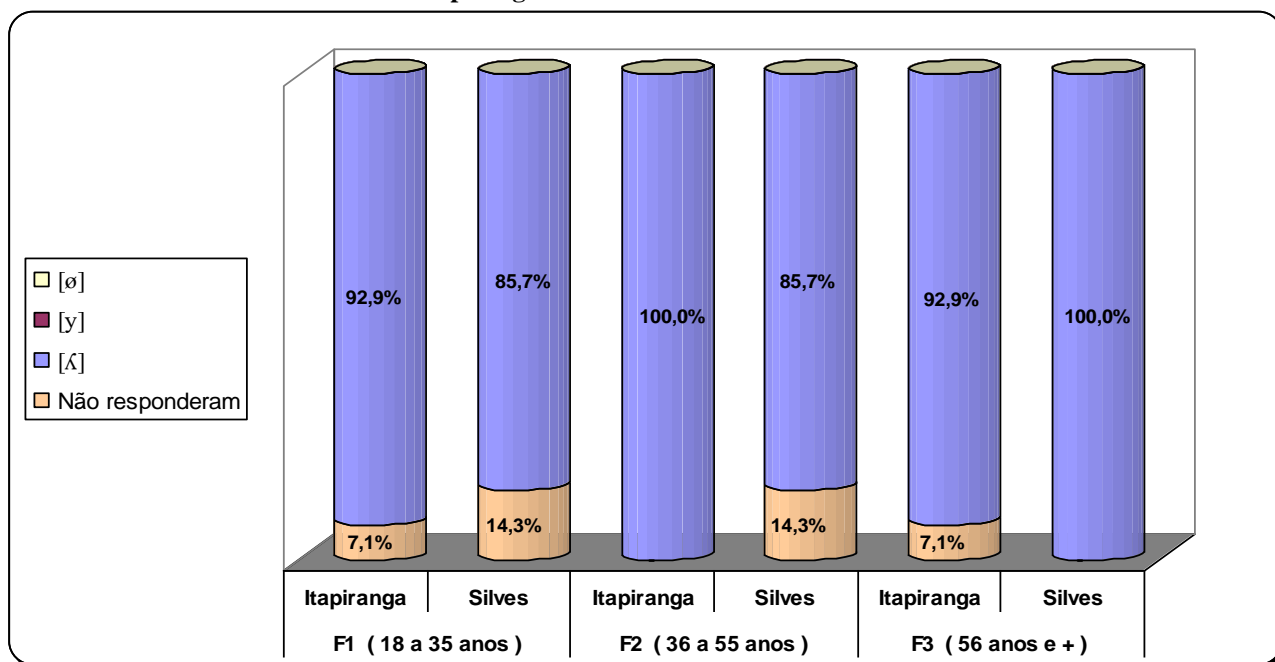
Os vocábulos analisados na tabela abaixo são: afilhado, bilhete, coalhada, malhadeira, palhaço, palheta, velhice.

Realização	Faixa etária/Localidade											
	F1				F2				F3			
	Itapiranga		Silves		Itapiranga		Silves		Itapiranga		Silves	
	Abs.	Perc.	Abs.	Perc.	Abs.	Perc.	Abs.	Perc.	Abs.	Perc.	Abs.	Perc.
[ʎ]	13	92,90%	12	85,70%	14	100,00%	12	85,70%	13	92,90%	14	100,00%
[y]	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
[ø]	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Não responderam	1	7,10%	2	14,30%	-	-	2	14,30%	1	7,10%	-	-
Total de questões	14	100,00%	14	100,00%	14	100,00%	14	100,00%	14	100,00%	14	100,00%

Nota: Os percentuais em destaques são os referentes às variáveis de maior realização em cada município.

Gráfico 01: Percentuais referentes a realização de /ʎ/ em 07 cartas no contexto medial do vocábulo

Itapiranga e Silves – Janeiro a Fevereiro de 2008



Fonte: Pesquisa de campo

Já na tabela 03, gráfico 02 em que o contexto observado é a realização da lateral palatal no final do vocábulo em posição pós-tônica e tônica na sílaba, ocorre uma pequena variação dessa palatal que, quando antecedida da tônica, algumas vezes, se vocaliza, se apresentando como iotizada [y] e, algumas vezes, se apaga, se apresentado como [ø].

Quanto à iotização, registrou-se dez casos, sendo quatro em Itapiranga e sete em Silves. Na primeira localidade, ocorreram dois casos, na 2ª faixa etária: [tɐˈbayyʊ], [ˈveyyyɐ]; e dois, na 3ª: [ˈveyyyɐ], [heˈpuyyyɐ]. Na segunda localidade, ocorreu um caso, na 1ª faixa etária: [ˈveyyyɐ]; dois, na 2ª: [oˈreyyyɐ], [trɐˈbayɐ] e quatro, na 3ª: [oˈveyyyɐ], [mehˈguyyʊ], [trɐˈbayyʊ], [ˈgayyʊ].

Quanto a não realização do fonema [ø], ocorreram sete casos, sendo quatro casos em Itapiranga, três, na 2ª faixa etária: [ɐsʊˈahø], [i]ˈpøhø], [ˈzʊø], um, na 3ª faixa etária: [mehˈguø], e três em Silves, um, na 1ª faixa etária: [vehˈmeø]; e dois, na 3ª faixa: [bohˈbuø], [oˈreøɐ].

E, ainda, um caso de realização da lateral palatal como [ʝ] na 3ª faixa etária: [ɐʝʊˈeːʊ]; a nasal palatal realizou-se de forma quase imperceptível, isto é, bem fraquinha.

Em contextos em que a lateral palatal no final de vocábulo é tônica não ocorreu nenhuma variação, à guisa de exemplos podemos citar a palavra “mulher” realizada como [mu'ʎeh ~ mu'ʎe] e a “melhor” realizada sempre como [mɛ'ʎoh].

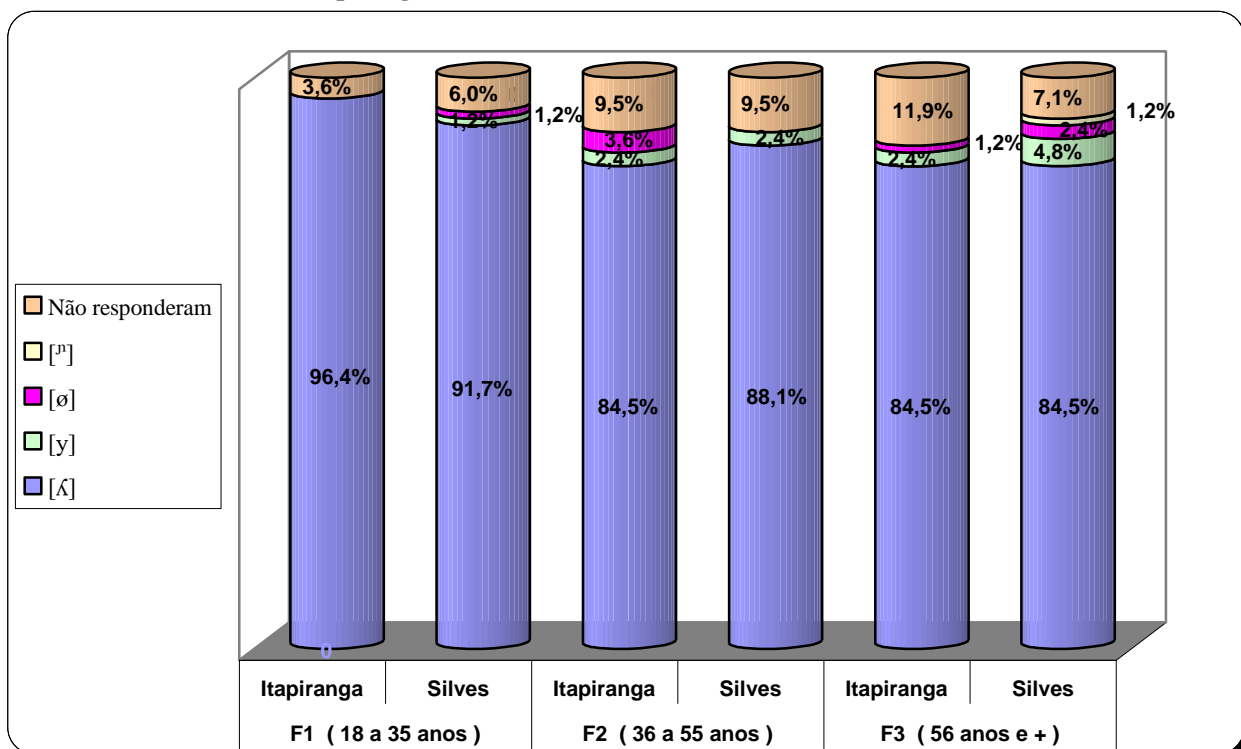
Tabela 03: A Realização de /ʎ/ em 42 cartas no contexto final do vocábulo

Vocábulos analisados e utilizados nesta tabela: assoalho, mulher, filho, piolho, abelha, olhos, agulha, ajoelhar, ovelha, alho atalho, borbulha, baralho, vermelho, melhor, grelha, polvilho, folha, milho, palha, joelho, cartilha, coalho, espelho, coelho, ilha, julho, medalha, mergulho, milhão, molho, orelha, orelhão, pilha, quilha, repolho, telha, trabalho, toalha, velha, conselho, galho.

Realização	Faixa etária/Localidade											
	F1				F2				F3			
	Itapiranga		Silves		Itapiranga		Silves		Itapiranga		Silves	
	Abs.	Perc.	Abs.	Perc.	Abs.	Perc.	Abs.	Perc.	Abs.	Perc.	Abs.	Perc.
[ʎ]	81	96,4%	77	91,7%	71	84,5%	74	88,1%	71	84,5%	71	84,5%
[y]	-	-	1	1,2%	2	2,4%	2	2,4%	2	2,4%	4	4,8%
[ø]	-	-	1	1,2%	3	3,6%	-	-	1	1,2%	2	2,4%
[ʀ]	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1,2%
Não responderam	3	3,6%	5	6,0%	8	9,5%	8	9,5%	10	11,9%	6	7,1%
Total de questões	84	100,0%	84	100,0%	84	100,0%	84	100,0%	84	100,0%	84	100,0%

Fonte: Pesquisa de campo

Gráfico 02: Percentuais referentes a realização de /ʎ/ em 42 cartas no contexto final do vocábulo Itapiranga e Silves – Janeiro a Fevereiro de 2008



Fonte: Pesquisa de campo

De acordo com o registro dos dados, observados na tabela e gráfico abaixo, mesmo os informantes não possuindo graus de escolaridade acima da 4ª série, a realização da variável palatal [ʎ] predomina em todas as faixas etárias. A hiatização (tabela 04, gráfico 03) da lateral alveolar realizada, em sua maioria, como lateral palatal ocorreu uma vez na 1ª. faixa etária com a palavra “velinha” realizada como [vɛ'ĩɐ], o que foi de certa forma uma surpresa, pois esperava-se uma maior incidência dessa realização por se tratar de uma pesquisa aplicada na área rural do Amazonas.

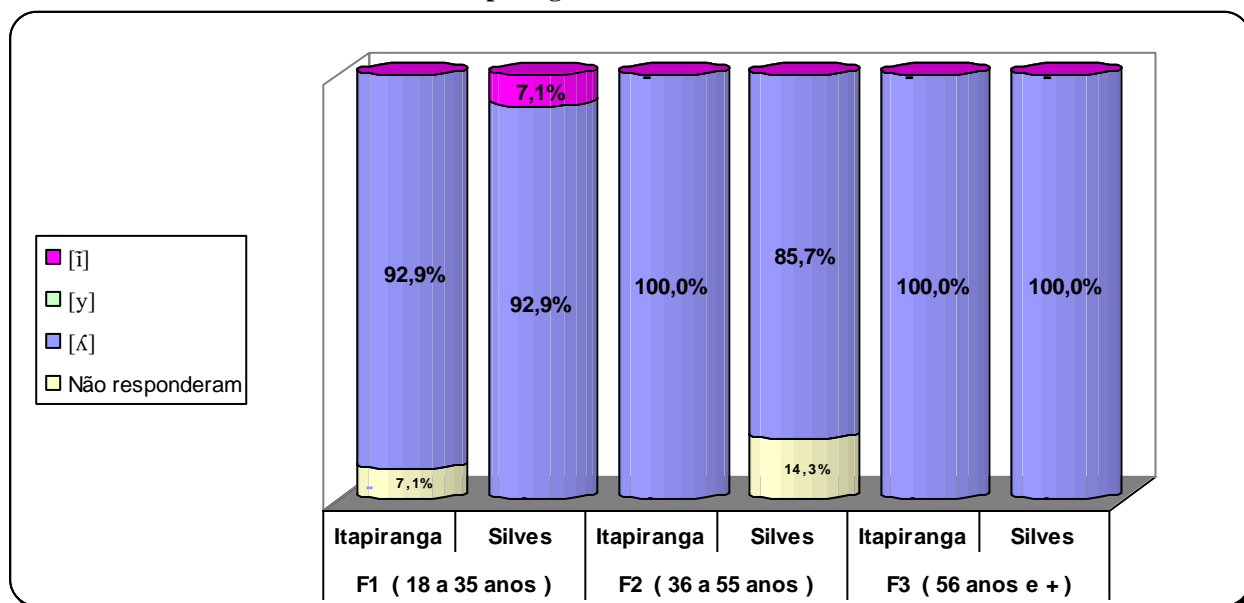
Tabela 04: A Realização de /l/ como /ʎ/ em 07 cartas no contexto medial do vocábulo, ocupando posição de sílaba tônica

Vocábulos analisados e utilizados nesta tabela: cebolinha, estrelinha, folinha, galinha, galinheiro, panelinha, velinha.

Realização	Faixa etária/Localidade											
	F1				F2				F3			
	Itapiranga		Silves		Itapiranga		Silves		Itapiranga		Silves	
	Abs.	Perc.	Abs.	Perc.	Abs.	Perc.	Abs.	Perc.	Abs.	Perc.	Abs.	Perc.
[ʎ]	13	92,9%	13	92,9%	14	100,0%	12	85,7%	14	100,0%	14	100,0%
[y]	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
[ĩ]	-	-	1	7,1%	-	-	-	-	-	-	-	-
Não responderam	1	7,1%	-	-	-	-	2	14,3%	-	-	-	-
Total de questões	14	100,0%	14	100,0%	14	100,0%	14	100,0%	14	100,0%	14	100,0%

Fonte: Pesquisa de campo

Gráfico 03: Percentuais referentes a realização de /l/ como /ʎ/ em 07 cartas no contexto medial do vocábulo Itapiranga e Silves – Janeiro a Fevereiro de 2008



Fonte: Pesquisa de campo

Os dados referentes à tabela e ao gráfico seguinte apresentam a lateral alveolar realizada como lateral palatal em início do vocábulo diante da vogal anterior /i/. A amostra confirma ser essa uma ocorrência comum no Amazonas. Fato, aliás, já observado por Barbosa (1995:95) “[...]. Nessa posição registramos, com frequência, apenas a ocorrência de [ʎ] antes de vogal anterior alta. Portanto, o primeiro segmento das palavras lima, linda, liga etc., na fala do amazonense é articulado com o fone lateral palatal”.

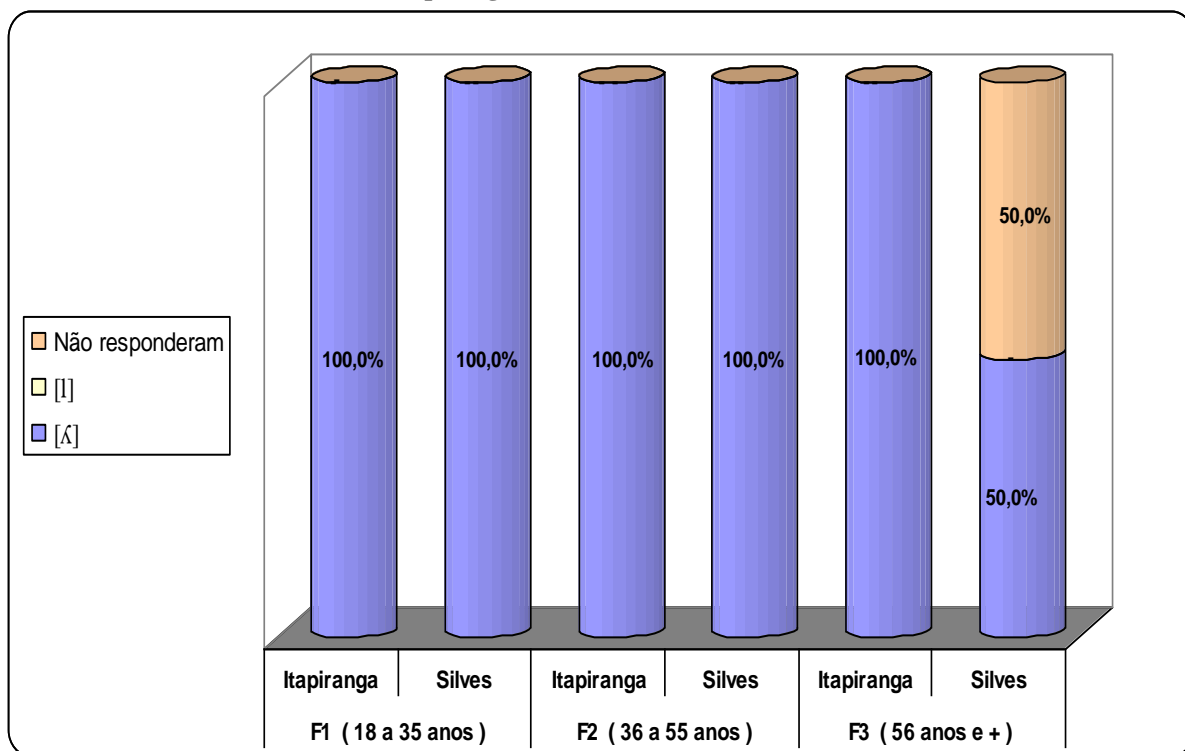
Tabela 05: A Realização da palatal /ʎ/ em contexto inicial diante da vogal anterior /i/ da palavra “linha”

Realização	Faixa etária/Localidade											
	F1				F2				F3			
	Itapiranga		Silves		Itapiranga		Silves		Itapiranga		Silves	
	Abs.	Perc.	Abs.	Perc.	Abs.	Perc.	Abs.	Perc.	Abs.	Perc.	Abs.	Perc.
[ʎ]	2	100,0%	2	100,0%	2	100,0%	2	100,0%	2	100,0%	1	50,0%
[l]	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Não responderam	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	50,0%
Total de questões	2	100,0%	2	100,0%	2	100,0%	2	100,0%	2	100,0%	2	100,0%

Fonte: Pesquisa de campo

Gráfico 04: Percentuais referentes à realização da palatal /ʎ/ em contexto inicial diante da vogal anterior /i/ da palavra “linha”

Itapiranga e Silves – Janeiro a Fevereiro de 2008



Fonte: Pesquisa de campo

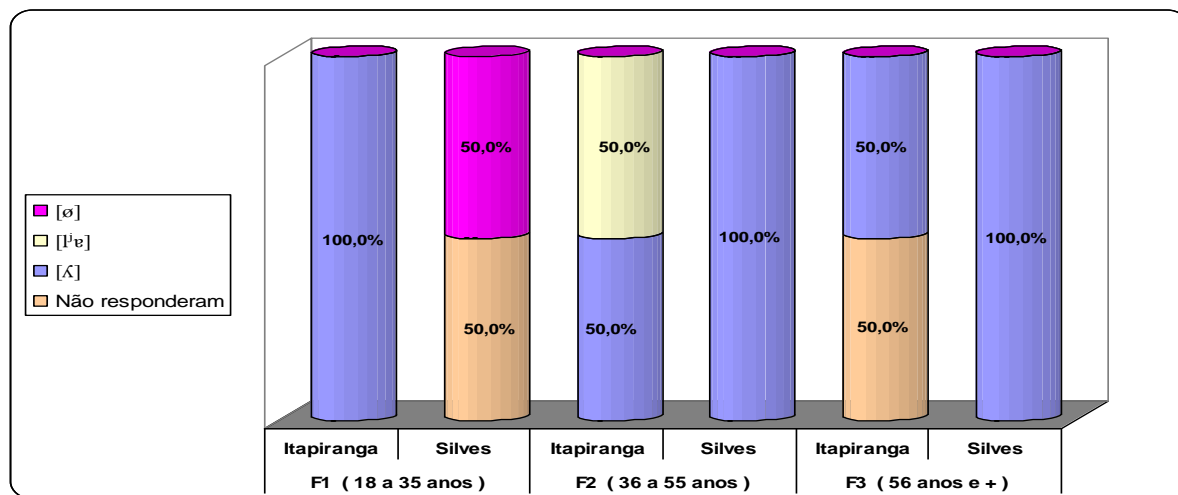
Pode-se observar nos registros da tabela 06 e do gráfico 05 que a lateral alveolar realizou-se como lateral palatal por quase todas as faixas etárias, exceto por um informante pertencente a 2ª faixa etária, de Itapiranga, que foneticamente realizou [fɐ¹mi¹ɐ] como lateral palatalizada. Tal fato confirma o que já foi discutido por Câmara Jr. (1977), José Nunes (1945), Ismael Coutinho (1962), sobre a lateral alveolar, isto é, diante da vogal anterior alta ou quando em posição de semivogais posposta a ela, geralmente na Língua Portuguesa, se comporta como lateral palatal [ʎ] e/ou lateral palatalizada [ʎ̃]. Houve ainda um caso da não realização do fonema [O], em que o informante da 1ª faixa etária, de Silves, realizou [fɐ¹miO].

Tabela 06: A Realização de /ʎ̃/ no vocábulo “família”

Realização	Faixa etária/Localidade											
	F1				F2				F3			
	Itapiranga		Silves		Itapiranga		Silves		Itapiranga		Silves	
	Abs.	Perc.	Abs.	Perc.	Abs.	Perc.	Abs.	Perc.	Abs.	Perc.	Abs.	Perc.
[ʎ]	2	100,0%	0	-	1	50,0%	2	100,0%	1	50,0%	2	100,0%
[ʎ̃]	-	-	0	-	1	50,0%	-	-	-	-	-	-
[ø]	-	-	1	50,0%	-	-	-	-	-	-	-	-
Não responderam	-	-	1	50,0%	-	-	-	-	1	50,0%	-	-
Total de questões	2	100,0%	2	100,0%	2	100,0%	2	100,0%	2	100,0%	2	100,0%

Fonte: Pesquisa de campo

**Gráfico 05: Percentuais referentes à realização de /ʎ̃/ no vocábulo “família”
Itapiranga e Silves – Janeiro a Fevereiro de 2008**



Fonte: Pesquisa de campo

- Quanto à palatal /ɲ/

A realização do fonema /ɲ/ nos vocábulos analisados é decorrente de uma evolução sofrida quando da mudança do latim para o português em que algumas consoantes seguidas da semivogal -i- se palatalizaram, nesse caso /n/ em /ɲ/.

Na amostra abaixo, a manifestação da nasal palatal apresentou diversas variações nas duas localidades, entretanto, a ocorrência da palatalização foi predominante. Em Itapiranga, tanto na 3ª quanto na 1ª faixa etária essa variante foi mais produtiva, já na 2ª, a preferência se deu pela despalatalização, vocalizando-se o fonema /ɲ/ em [u,ø] como, por exemplo, pode-se citar a realização de “linha” como [ˈliɲ], de focinho como [fuˈʃiũ] e de vinho como [ˈviũ].

Em silves, na 3ª faixa etária, embora o apagamento do fonema tenha sido de 25%, a 2ª maior ocorrência, o predomínio se deu pelo uso do [ɲ]; na 2ª, a alternância se deu entre a variante [ɲ] e [u,ø], sendo a primeira a de maior frequência; já na 1ª, identificou-se como variantes de maior ocorrência [ɲ], [u,ø] e o apagamento do fonema [O], nesse caso, verificou-se que não há uma preferência entre o emprego de quaisquer das variantes, pois o uso em termos de percentual é basicamente o mesmo.

Tabela 07: Realização de /ɲ/ em 52 cartas no contexto final do vocábulo

Vocábulos analisados na tabela abaixo: madrinha/padrinho, vergonha; carinho, castanha, unha, arrANHAR, acompanhar, rebanho, dedinho, almofadinha, amanhã, boquinha, bainha, bandeirinha, banha, banhar, farinha, vizinho, aranha, peixinho, espinha, botinho, canoinha, pamonha, anjinhos, barquinho, caboclinho, cafezinho, calcinha, cebolinha, lenha, camisinha, campanha, engatinhar, estrelinha, focinho, folinha, galinha, ganhar, junho, Juninho, linha, mandioquinha, ninho, panelinha, rainha, senhor, sapatinho, sonho, vinho, velinha, agorinha.

Realização	Faixa etária/Localidade											
	F1				F2				F3			
	Itapiranga		Silves		Itapiranga		Silves		Itapiranga		Silves	
	Abs.	Perc.	Abs.	Perc.	Abs.	Perc.	Abs.	Perc.	Abs.	Perc.	Abs.	Perc.
[ɲ]	67	64,4%	29	27,9%	18	17,3%	45	43,3%	66	63,5%	37	35,6%
[ʃY,ʃ□]	3	2,9%	14	13,5%	15	14,4%	6	5,8%	4	3,8%	7	6,7%
[O]	6	5,8%	29	27,9%	24	23,1%	8	7,7%	4	3,8%	26	25,0%
[Y,□]	23	22,1%	28	26,9%	38	36,5%	31	29,8%	19	18,3%	18	17,3%
[ɻ]	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1,0%
[ʃY]	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1,0%	-	-

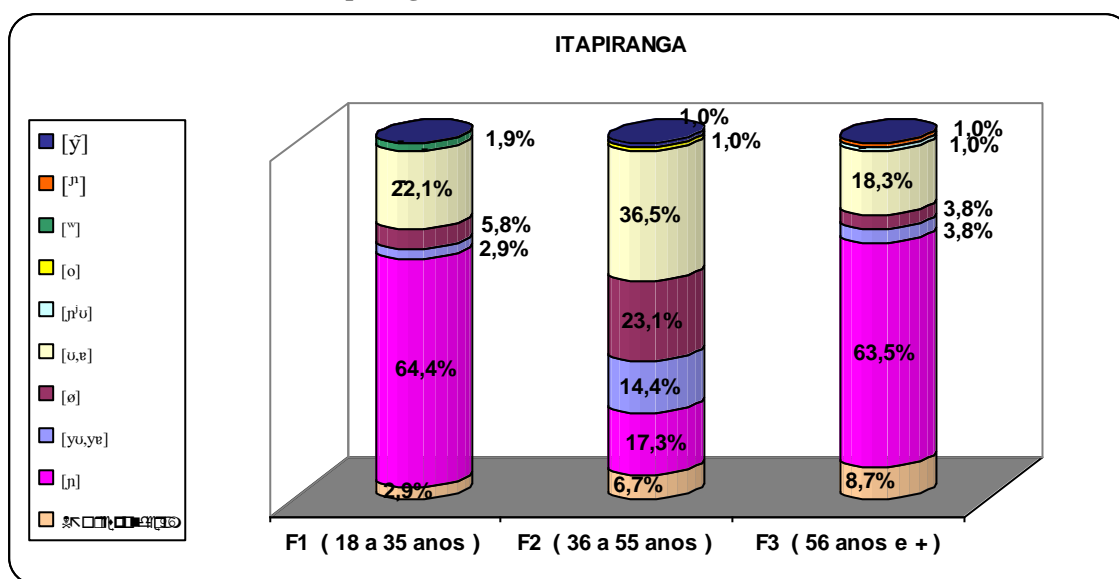
[o]	-	-	-	-	1	1,0%	1	1,0%	-	-	1	1,0%
[Ω]	2	1,9%	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
[ç]	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1,0%	-	-
[ψ®]	-	-	1	1,0%	1	1,0%	-	-	-	-	-	-
Não responderam	3	2,9%	3	2,9%	7	6,7%	13	12,5%	9	8,7%	14	13,5%
Total de questões	104	100,0%	104	100,0%	104	100,0%	104	100,0%	104	100,0%	104	100,0%

Fonte: Pesquisa de campo

Nota: Os percentuais em destaque são os referentes às variáveis de maior realização em cada município.

Gráfico: 06 Percentuais referentes à realização de /j/ em 52 cartas no contexto final do vocábulo

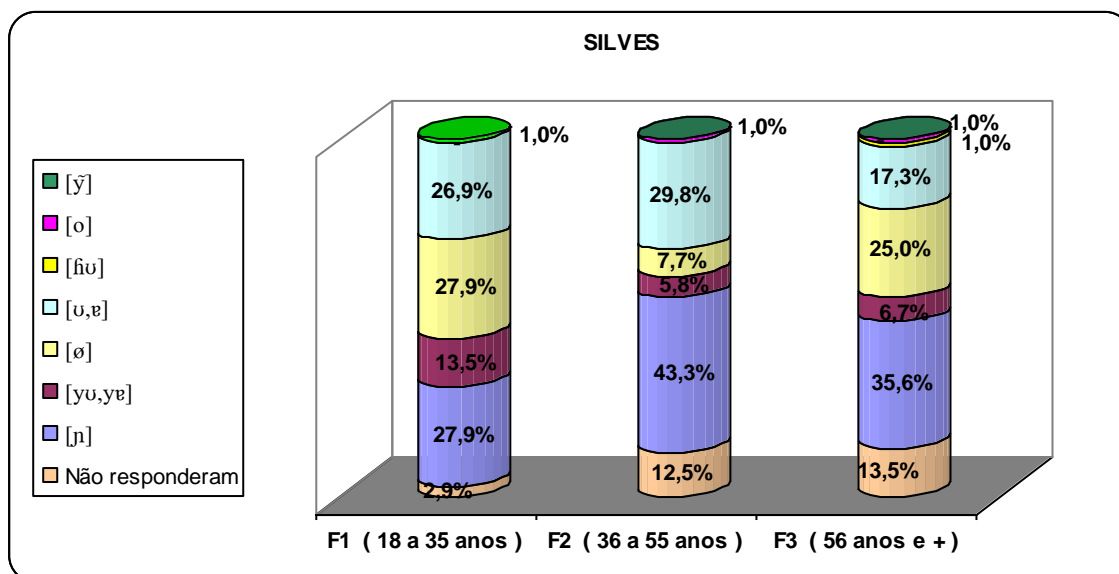
Itapiranga – Janeiro a Fevereiro de 2008



Fonte: Pesquisa de campo

Gráfico: 07 Percentuais referentes à realização de /j/ em 52 cartas no contexto final do vocábulo

Silves – Janeiro a Fevereiro de 2008



Fonte: Pesquisa de campo

Quanto ao contexto medial, segundo o corpus examinado, o fonema /ɲ/ apresentou-se como variante preferencial dentro das duas localidades nas três faixas etárias, excetuando-se a 2ª faixa etária do município de Itapiranga na qual houve uma ocorrência maior da vocalização de [ɲ] em [e] a exemplo da palavra galinheiro como [gæɫi'ɛrɯ] e dinheiro como [dʒĩ'ɛrɯ].

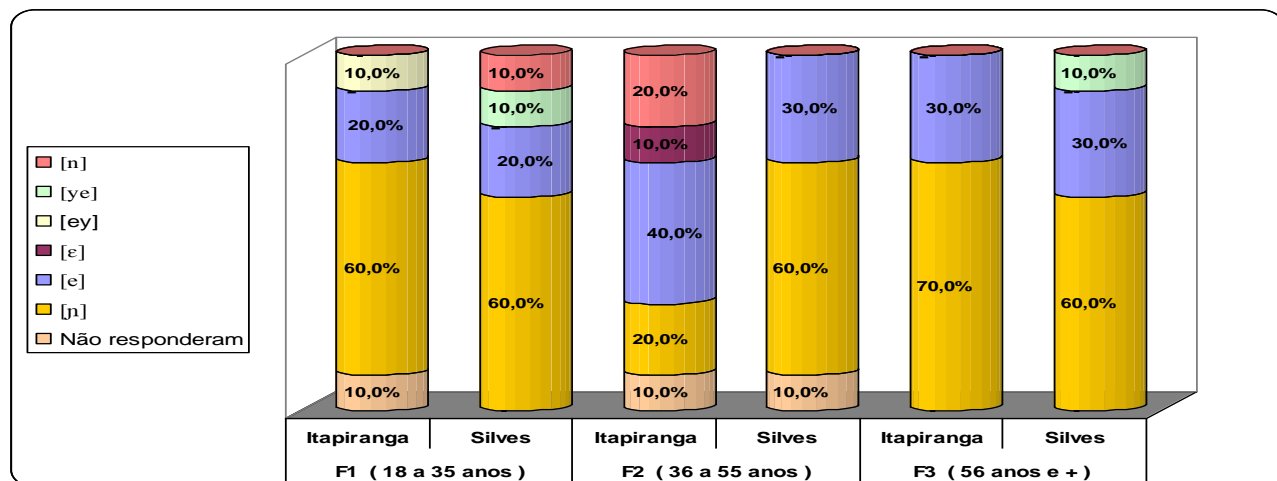
Tabela 08: A Realização de /ɲ/ em 05 cartas no contexto medial do vocábulo

Vocábulos analisados e utilizados nesta tabela: amanhece, conhece, banheiro, dinheiro, galinheiro.

Realização	Faixa etária/Localidade											
	F1				F2				F3			
	Itapiranga		Silves		Itapiranga		Silves		Itapiranga		Silves	
	Abs.	Perc.	Abs.	Perc.	Abs.	Perc.	Abs.	Perc.	Abs.	Perc.	Abs.	Perc.
[ɲ]	6	60,0%	6	60,0%	2	20,0%	6	60,0%	7	70,0%	6	60,0%
[e]	2	20,0%	2	20,0%	4	40,0%	3	30,0%	3	30,0%	3	30,0%
[ɛ]	-	-	-	-	1	10,0%	-	-	-	-	-	-
[ey]	1	10,0%	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
[ye]	-	-	1	10,0%	-	-	-	-	-	-	1	10,0%
[n]	-	-	1	10,0%	2	20,0%	-	-	-	-	-	-
Não responderam	1	10,0%	-	-	1	10,0%	1	10,0%	-	-	-	-
Total de questões	10	100,0%	10	100,0%	10	100,0%	10	100,0%	10	100,0%	10	100,0%

Fonte: Pesquisa de campo

Gráfico 08: Percentuais referentes à realização de /ɲ/ em 05 cartas no contexto medial do vocábulo Itapiranga e Silves – Janeiro a Fevereiro de 2008



Fonte: Pesquisa de campo

Na tabela abaixo em que se observa a realização do /ɲ/ no contexto medial diante da vogal média /o/, verificou-se que, na 1ª localidade (Itapiranga), a variante de maior ocorrência é a nasal palatal nas três faixas etárias. Na 2ª localidade (Silves), cabe observar que, na 3ª faixa etária, predomina a vocalização de [ɲ] em [ɔ]; na 2ª, há uma alternância entre [ɲ] ~ [ɔ] e na 1ª, a nasal palatal é a preferida pelo falante.

Tabela 09: A Realização da palatal /ɲ/ no contexto medial diante da vogal média /o/ em duas cartas.

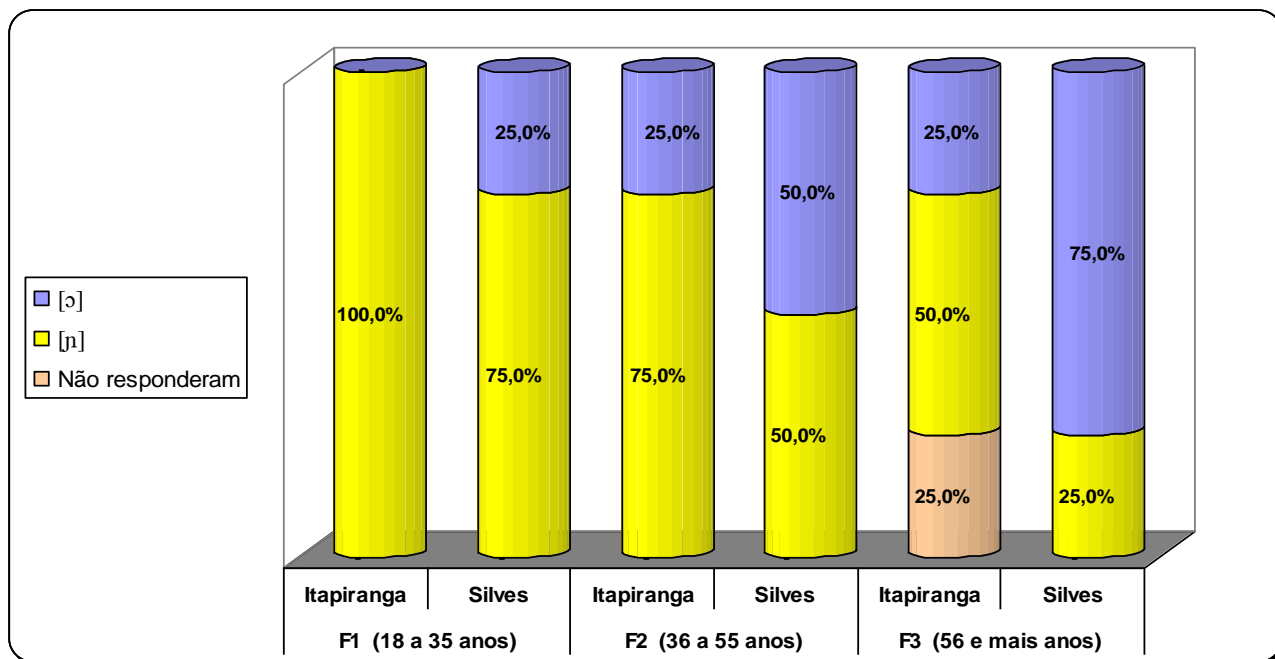
Vocábulo analisado e utilizado nesta tabela: minhoca, senhora.

Realização	Faixa etária/Localidade											
	F1				F2				F3			
	Itapiranga		Silves		Itapiranga		Silves		Itapiranga		Silves	
	Abs.	Perc.	Abs.	Perc.	Abs.	Perc.	Abs.	Perc.	Abs.	Perc.	Abs.	Perc.
[ɲ]	4	100,0%	3	75,0%	3	75,0%	2	50,0%	2	50,0%	1	25,0%
[ɔ]	-	-	1	25,0%	1	25,0%	2	50,0%	1	25,0%	3	75,0%
Não responderam	-	-	-	-	-	-	-	-	1	25,0%	-	-
Total de questões	4	100,0%	4	100,0%	4	100,0%	4	100,0%	4	100,0%	4	100,0%

Fonte: Pesquisa de campo

Gráfico 09: Percentuais referentes à realização da palatal /ɲ/ no contexto medial diante da vogal média /o/ em duas cartas

Itapiranga e Silves – Janeiro a Fevereiro de 2008



Fonte: Pesquisa de campo

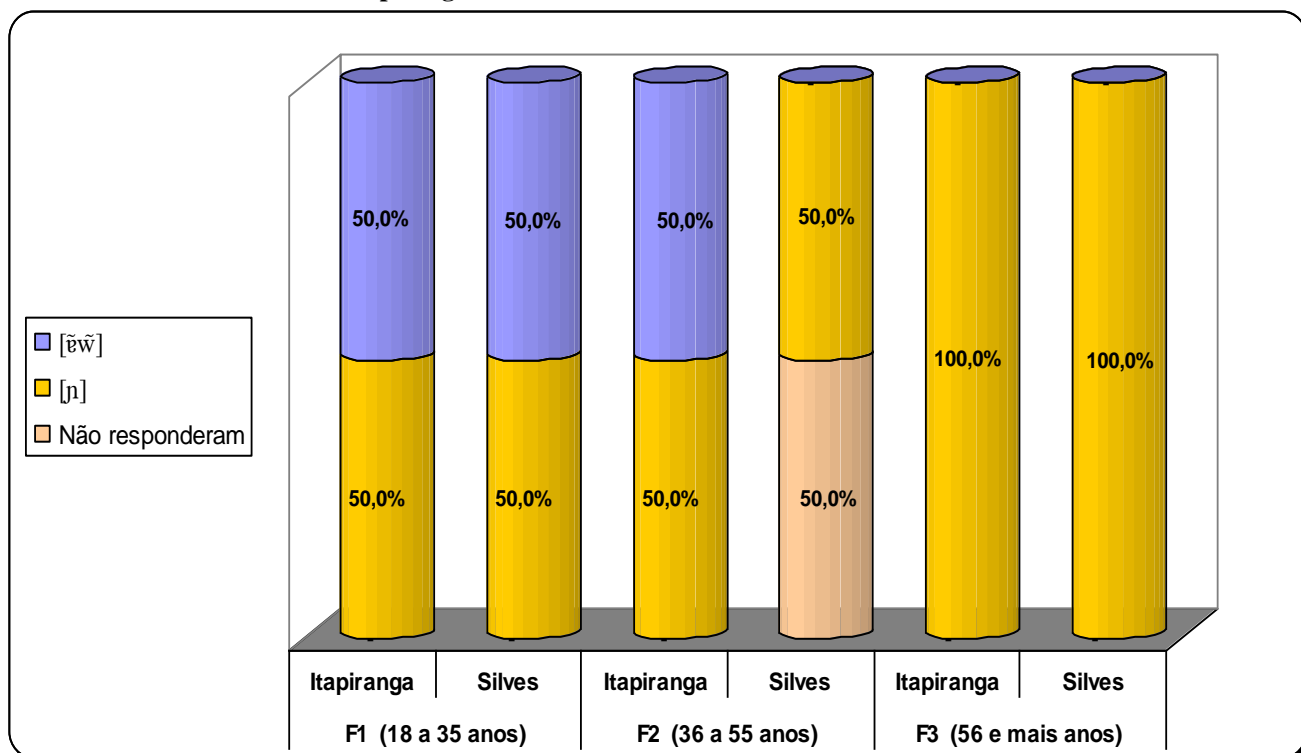
No registro seguinte se observa a realização do /ɲ/ no contexto final do vocábulo “caminhão”, verificou-se que a frequência com que ocorreu a manifestação das variantes nas localidades foram as mesmas, apresentando a 3ª faixa etária 100% a variante [ɲ]; já a 2ª e 1ª faixas etárias uma oscilação entre [ɲ] e [ẽw̃].

Tabela 10: A Realização /ɲ/ no contexto final da palavra “caminhão”

Realização	Faixa etária/Localidade											
	F1				F2				F3			
	Itapiranga		Silves		Itapiranga		Silves		Itapiranga		Silves	
	Abs.	Perc.	Abs.	Perc.	Abs.	Perc.	Abs.	Perc.	Abs.	Perc.	Abs.	Perc.
[ɲ]	1	50,0%	1	50,0%	1	50,0%	1	50,0%	2	100,0%	2	100,0%
[ẽw̃]	1	50,0%	1	50,0%	1	50,0%	-	-	-	-	-	-
Não responderam	-	-	-	-	-	-	1	50,0%	-	-	-	-
Total de questões	2	100,0%	2	100,0%	2	100,0%	2	100,0%	2	100,0%	2	100,0%

Fonte: Pesquisa de campo

Gráfico 10: Percentuais referentes à realização da palatal /ɲ/ no contexto final da palavra “caminhão” Itapiranga e Silves – Janeiro a Fevereiro de 2008



Fonte: Pesquisa de campo

Na amostra abaixo se verificou a maior incidência das variantes [ɲ^hu,ɲ^he] e [y^u,y^e] pelos falantes das duas localidades em estudo. Percebeu-se também que essas duas variantes estão em situação flutuante, pois a frequência com que são realizadas é basicamente a mesma, ou seja, ora o falante palataliza, ora iotiza. Porém, pelos dados, observa-se que, em Itapiranga, a palatalização é a variante preferida; enquanto, em Silves, os falantes tendem pela iotização.

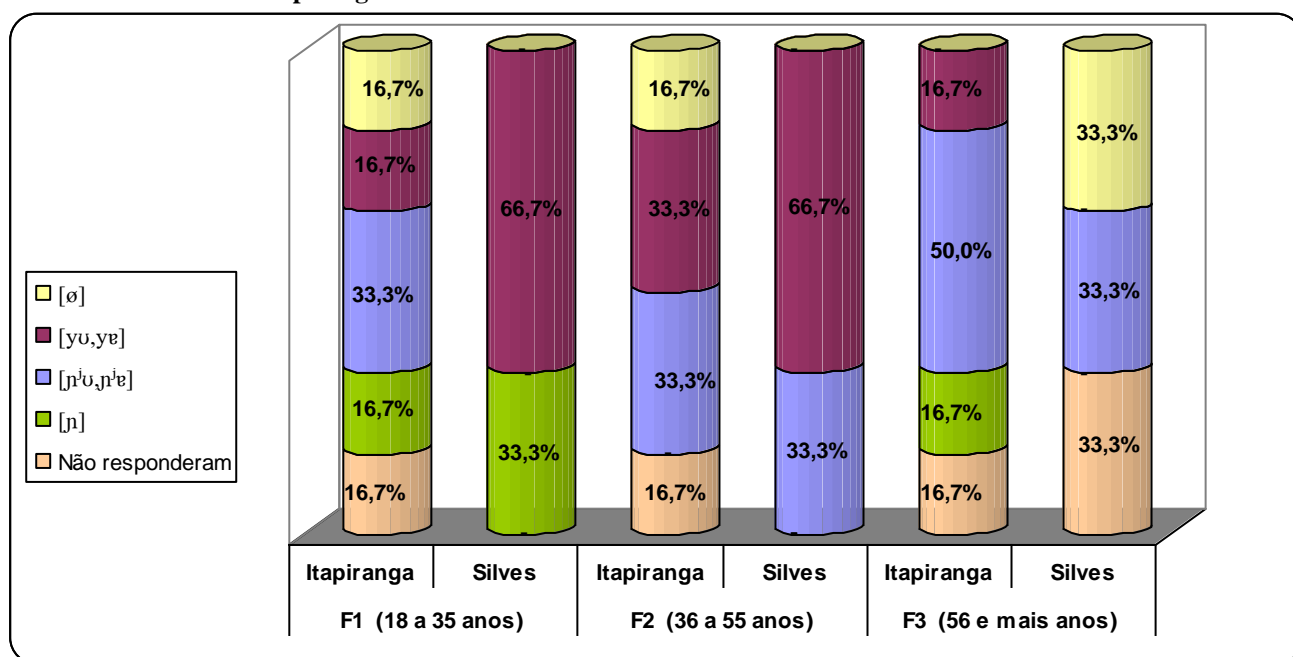
Tabela 11: A Realização de /ɲ^hu,ɲ^he/ em contexto medial em 03 cartas

Vocábulos analisados e utilizados nesta tabela: calúnia, crânio, santo Antônio.

Realização	Faixa etária/Localidade											
	F1				F2				F3			
	Itapiranga		Silves		Itapiranga		Silves		Itapiranga		Silves	
	Abs.	Perc.	Abs.	Perc.	Abs.	Perc.	Abs.	Perc.	Abs.	Perc.	Abs.	Perc.
[ɲ]	1	16,7%	2	33,3%	-	-	-	-	1	16,7%	-	-
[ɲ ^h u,ɲ ^h e]	2	33,3%	-	-	2	33,3%	2	33,3%	3	50,0%	2	33,3%
[y ^u ,y ^e]	1	16,7%	4	66,7%	2	33,3%	4	66,7%	1	16,7%	-	-
[ø]	1	16,7%	-	-	1	16,7%	-	-	-	-	2	33,3%
Não responderam	1	16,7%	-	-	1	16,7%	-	-	1	16,7%	2	33,3%
Total de questões	6	100,0%	6	100,0%	6	100,0%	6	100,0%	6	100,0%	6	100,0%

Fonte: Pesquisa de campo

Gráfico 11: Percentuais referentes à realização de /ɲ^hu,ɲ^he/ em contexto medial de 03 cartas Itapiranga e Silves – Janeiro a Fevereiro de 2008



Fonte: Pesquisa de campo

4.1.2 Gênero

Comunidade de Itapiranga e Silves

- Quanto à palatal /ʎ/

De acordo com os dados registrados na tabela 12, observou-se que nas duas comunidades a manutenção da nasal palatal é bastante favorável pelos dois sexos, uma vez que a diferença em termos de percentuais quanto ao uso de variantes diferentes de [ʎ] é mínima. Isso evidencia a estabilidade desta variável dentro das comunidades.

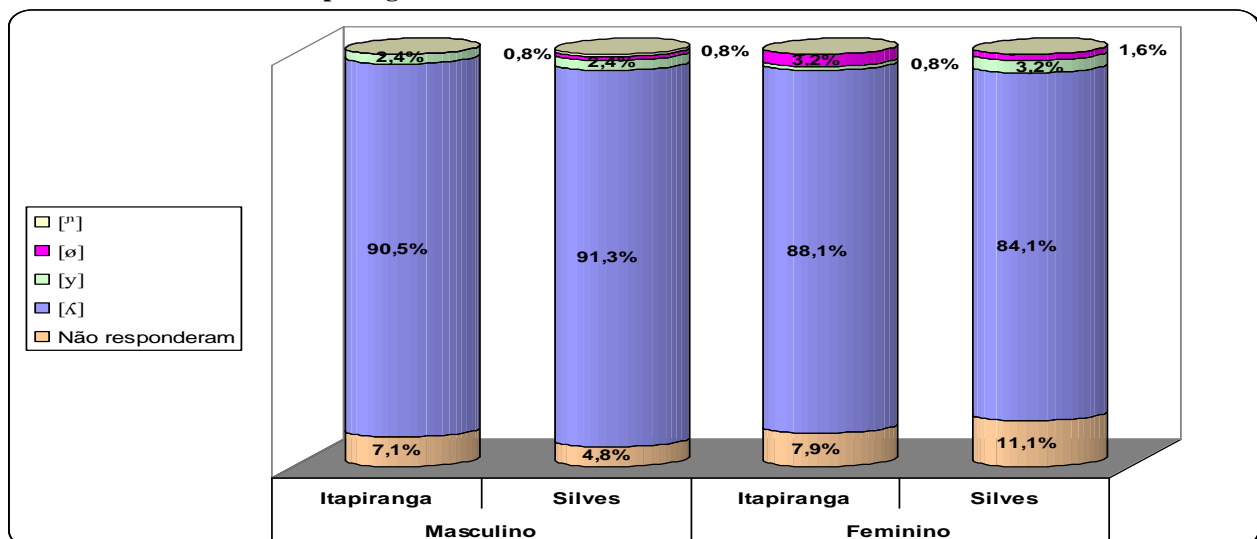
Tabela 12: A classificação por gênero da realização da lateral palatal em 42 cartas

Vocábulos analisados e utilizados nesta tabela: assoalho, mulher, filho, piolho, abelha, olhos, agulha, ajoelhar, ovelha, alho atalho, borbulha, baralho, vermelho, melhor, grelha, polvilho, folha, milho, palha, joelho, cartilha, coalho, espelho, coelho, ilha, julho, medalha, mergulho, milhão, molho, orelha, orelhão, pilha, quilha, repolho, telha, trabalho, toalha, velha, conselho, galho.

Realização	Gênero							
	Masculino				Feminino			
	Itapiranga		Silves		Itapiranga		Silves	
	Abs.	Perc.	Abs.	Perc.	Abs.	Perc.	Abs.	Perc.
[ʎ]	114	90,5%	115	91,3%	111	88,1%	106	84,1%
[y]	3	2,4%	3	2,4%	1	0,8%	4	3,2%
[ø]	-	-	1	0,8%	4	3,2%	2	1,6%
[ʎ]	-	-	1	0,8%	0	-	-	-
Não responderam	9	7,1%	6	4,8%	10	7,9%	14	11,1%
Total de questões	126	100,0%	126	100,0%	126	100,0%	126	100,0%

Fonte: Pesquisa de campo

Gráfico 12: Percentuais referentes à classificação por gênero da realização da lateral palatal Itapiranga e Silves – Janeiro a Fevereiro de 2008



Fonte: Pesquisa de campo

- Quanto à palatal /ɲ/

Conforme a tabela 13, em Itapiranga destacaram-se as variantes [ɲ], [u,ɐ]. Os falantes do sexo masculino apresentaram preferência pelo uso da nasal palatal (61,5%); enquanto os do sexo feminino alternam entre o uso de [ɲ] ~ [u,ɐ]. Em silves, as variantes de maior relevância foram as [ɲ], [u,ɐ] e o apagamento do fonema [ø]. Quanto aos homens, percebeu-se variação em relação às três variantes citada; já as mulheres oscilam entre [ɲ] ~ [u,ɐ]. Vale ressaltar que, de acordo com os registros, a fala das mulheres nas duas localidades apresenta as mesmas tendências, ou seja, ora palatalizam, ora vocalizam.

Tabela 13: A classificação por gênero da realização da variante /ɲ/ em contexto final do vocábulo diante das vogais /a/ e /o/ em 52 questões

Vocábulos analisados nesta tabela: madrinha/padrinho, vergonha; carinho, castanha, unha, arranhar, acompanhar, rebanho, dedinho, almofadinha, amanhã, boquinha, bainha, bandeirinha, banha, banhar, farinha, vizinho, aranha, peixinho, espinha, botinho, canoinha, pamonha, anjinhos, barquinho, caboclinho, cafezinho, calcinha, cebolinha, lenha, camisinha, campainha, engatinhar, estrelinha, focinho, folinha, galinha, ganhar, junho, Juninho, linha, mandioquinha, ninho, panelinha, rainha, senhor, sapatinho, sonho, vinho, velinha, agorinha.

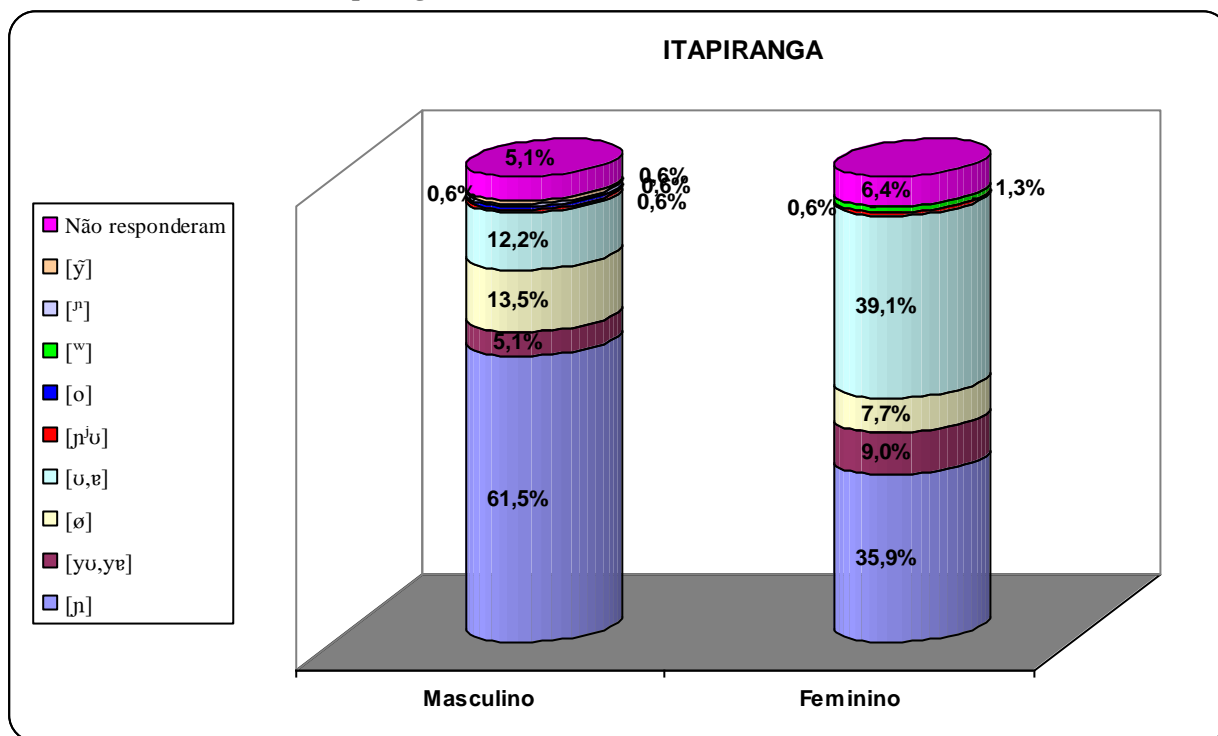
Realização	Gênero							
	Masculino				Feminino			
	Itapiranga		Silves		Itapiranga		Silves	
	Abs.	Perc.	Abs.	Perc.	Abs.	Perc.	Abs.	Perc.
[ɲ]	96	61,5%	51	32,7%	56	35,9%	60	38,5%
[yɯ,yɐ]	8	5,1%	13	8,3%	14	9,0%	14	9,0%
[ø]	21	13,5%	37	23,7%	12	7,7%	27	17,3%
[u,ɐ]	19	12,2%	37	23,7%	61	39,1%	38	24,4%
[ɦu]	-	-	1	0,6%	-	-	-	-
[ɲʰu]	1	0,6%	-	-	1	0,6%	-	-
[o]	1	0,6%	1	0,6%	-	-	1	0,6%
[w]	-	-	-	-	2	1,3%	-	-
[ʲ]	1	0,6%	-	-	-	-	-	-
[ỹ]	1	0,6%	1	0,6%	-	-	-	-
Não responderam	8	5,1%	15	9,6%	10	6,4%	16	10,3%
Total de questões	156	100,0%	156	100,0%	156	100,0%	156	100,0%

Fonte: Pesquisa de campo

Nota: Os percentuais em destaques são os referentes às variáveis de maior realização em cada município.

Gráfico: 13 A classificação por gênero da realização da variante /ɲ/ em contexto final do vocábulo

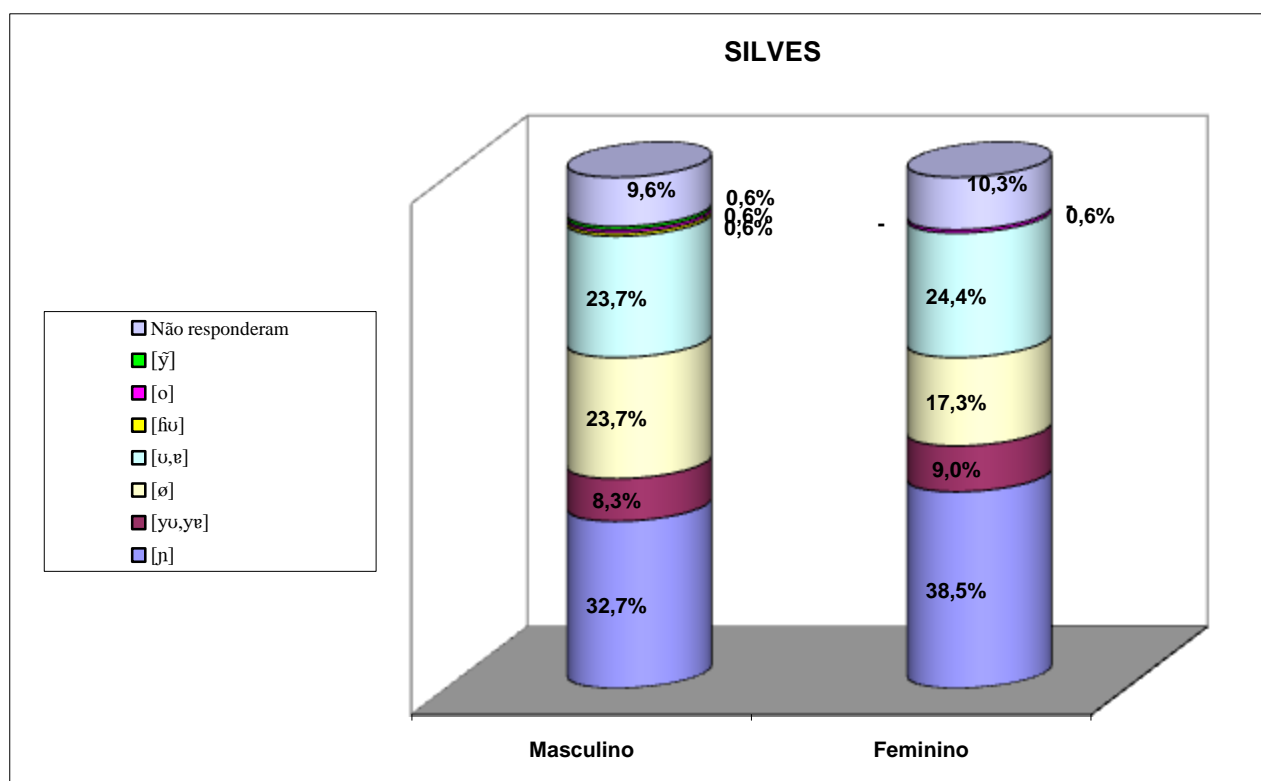
Itapiranga – Janeiro a Fevereiro de 2008



Fonte: Pesquisa de campo

Gráfico: 14 A classificação por gênero da realização da variante /ɲ/ em contexto final do vocábulo

Silves – Janeiro a Fevereiro de 2008



Fonte: Pesquisa de campo

Segundo os dados da tabela 14, observou-se que a preferência pela variante [ɲ] é bastante forte entre os dois sexos quando de sua realização em contexto medial do vocábulo, embora mostre certa tendência do falante em vocalizar. Esse fato evidencia uma relativa estabilidade dessa variante nas localidades.

Tabela 14: A classificação por gênero da realização da variante nasal palatal /ɲ/ no contexto medial em 05 cartas.

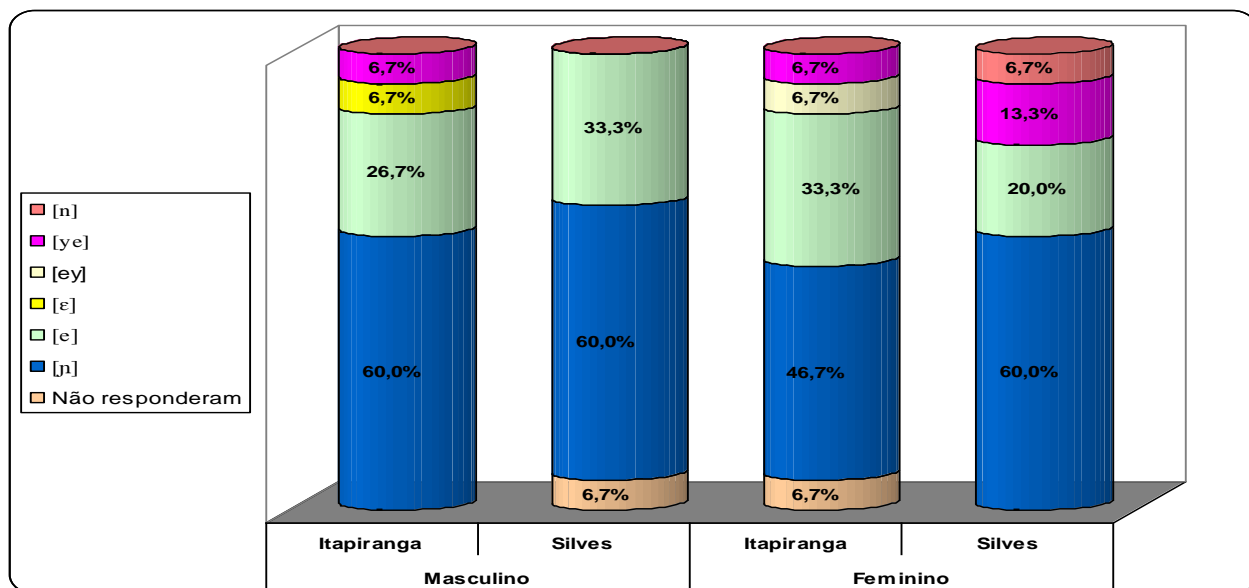
Vocábulos analisados e utilizados nesta tabela: amanhece, conhece, banheiro, dinheiro, Galinheiro.

Realização	Gênero							
	Masculino				Feminino			
	Itapiranga		Silves		Itapiranga		Silves	
	Abs.	Perc.	Abs.	Perc.	Abs.	Perc.	Abs.	Perc.
[ɲ]	9	60,0%	9	60,0%	7	46,7%	9	60,0%
[e]	4	26,7%	5	33,3%	5	33,3%	3	20,0%
[ɛ]	1	6,7%	-	-	-	-	-	-
[ey]	-	-	-	-	1	6,7%	-	-
[ye]	1	6,7%	-	-	1	6,7%	2	13,3%
[n]	-	-	-	-	-	-	1	6,7%
Não responderam	-	-	1	6,7%	1	6,7%	-	-
Total de questões	15	100,0%	15	100,0%	15	100,0%	15	100,0%

Fonte: Pesquisa de campo

Gráfico 15: Percentuais referentes à classificação por gênero da realização da variante nasal /ɲ / palatal no contexto medial em 05 cartas

Itapiranga e Silves – Janeiro a Fevereiro de 2008



Fonte: Pesquisa de Campo

CONCLUSÃO

Como se pode observar ao longo deste trabalho, o fenômeno da palatalização ocorre principalmente diante da vogal anterior alta /i/. Esse fenômeno já ocorria no português arcaico e ainda se faz presente nos dias atuais.

Assim, considerando o comportamento das variantes palatais /ʎ/ e /ɲ/ na fala dos informantes das comunidades de Itapiranga e de Silves, constatou-se, quanto à primeira variante, realização como (a) lateral palatal, (b) lateral palatalizada, (c) iotizada e, em alguns casos, apresentou-se com apagamento do fonema; quanto à segunda, realização como (a) nasal palatal, (b) vocalizada, (c) iotizada e também, em alguns casos, com o apagamento do fonema.

No que concerne à realização de /ʎ/ e /ɲ/, comumente, em áreas rurais, ocorre a transformação em /y/. Câmara Jr. (1976) fez uma nota acerca desse fenômeno “É igualmente possível, que a eliminação dialetal de /ʎ/ intervocálico, no Brasil, com redução a /i/ consonântico (*foia* em vez de *folha*, *oio* em vez de *olho*, etc.) se explique pelo português crioulo dos escravos negros ou pelo abstrato indígena, visto que nas línguas indígenas não há oposição /l/ - /ʎ/, podem ter sido mal interpretados”. José Nunes (1945) também fez observação sobre o assunto “Só por exceção o *l* e *n*, seguidos da semivogal *i* deixaram de tornar-se palatais e foram tratados como simples consoantes intervocálicas; foi o que nos deu os vocábulos: *doyu* (arc.), *Juião*, *testemoio* (arc.), que correspondem respectivamente a *doleo*, *Julianu-*, *testemoniu-*”.

Bem, como se pode verificar a partir do *corpus* desta pesquisa, as palatais em estudo apresentaram tais características, ou melhor, realizaram-se, algumas vezes, com a qualidade vocálica de *i*, quando seguidos da semivogal *i* e quando antecédidos de tônicas com vogal baixa *a* e média *o*, a exemplo do primeiro temos a Carta Fonética 109 e, a exemplo do segundo, as Cartas 07, 105 e 113. A esse respeito José Nunes explica “Rigorosamente falando o -l- não caiu, mas vocalizou-se nos casos em que, como *doyo*, *saio*, *Olaia*, ou *Vaia*, se acha precedido de *o* ou *a* tônicos; mostram-no a pronúncia de tais nomes, que faz claramente ouvir *i* e a grafia antiga do *y*”.

Contudo, a posição ocupada pelas variantes palatais /ʎ/ e /ɲ/ , nos municípios investigados, é de supremacia em relação às outras.

Por isso, o falar das duas localidades acaba surpreendendo, à medida que se esperava ser a iotização ou o apagamento do fonema preponderantes na fala dos informantes, por se tratarem de pessoas, como já foi mencionado antes, com um baixo grau de escolaridade e pertencerem ao meio rural.

Outro aspecto observado é que, embora o falar amazonense seja, geralmente, vocalizado no que concerne à realização da palatal /ɲ/ em vocábulos como *espinha* a incidência da palatal foi considerável.

Nesse ponto, vale ressaltar que no *Atlas Lingüístico do Amazonas – ALAM* (Cruz, 2004) das nove localidades arroladas na pesquisa, investigado o mesmo vocábulo *espinha*, somente duas localidades - ponto 8 (Manacapuru) e 9 (Parintins) - é que apresentaram as mesmas características do falar dos informantes de Itapiranga e de Silves, isto é, realizaram claramente a palatal.

Com respeito à /ʎ/, no ALAM (Cruz, 2004), prevaleceu a realização de [j] em todos os municípios, resultado diferente desta pesquisa em que a lateral palatal foi a que predominou: [pi'oʎu] (ALAM); [pi'oʎu] (nesta pesquisa).

Acredita-se que os meios de comunicação como a televisão e o rádio podem ser a causa da forte presença da realização das variantes palatais /ʎ/ e /ɲ/ na fala dos informantes.

Mas, também, surge como hipótese, de ser um fator de grande influência pela escolha das variantes /ʎ/ e /ɲ/, o fato de as duas comunidades terem tido uma forte presença da emigração portuguesa no período colonial, e como os portugueses palatalizam, esse modo de falar dos itapiranguenses e dos silvenses pode ser resquício da emigração.

Quanto ao gênero, pode-se perceber que, tanto em Itapiranga quanto em Silves, no que concerne ao /ʎ/, os falantes têm preferência pela palatal; já no que concerne ao /ɲ/, em Itapiranga, o falante do sexo masculino tende a palatalizar e, a do sexo feminino, alterna entre a palatalização e a vocalização. Em Silves, os dois gêneros apresentam oscilação entre a palatalização e a vocalização. De qualquer forma, não há nenhum indício de que algum dia uma das formas eliminará a outra.

O certo é que, se a vocalização se tornará uma realidade lingüística nessas localidades, só futuras pesquisas nos darão tal resposta.

Quanto à faixa etária, no que se refere ao /ʎ/, nas três faixas etárias há predominância pela palatalização; quanto à realização de /ɲ/ no final e no meio do vocábulo, verifica-se que a 1ª e a 3ª faixa etária mostram forte tendência à palatalização; enquanto que a 2ª faixa apresenta flutuação entre a palatalização e a vocalização.

Em vista disso, a pesquisa surpreende-nos quando, através dos dados, evidencia que o falar do amazonense nessas comunidades é bem palatalizado.

Apesar disso, nesta pesquisa, não se pretendeu analisar as causas que influenciaram no falar dessas comunidades e, sim, registrar e colaborar para evidenciar a realidade lingüística no Amazonas.

REFERÊNCIAS

AGUILERA, Vanderci. (org). **A Geolinguística no Brasil: caminhos e perspectivas**. Londrina: Editora da Universidade Estadual de Londrina, 1998.

ALKMIM, Tânia Maria. **Sociolinguística**. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (orgs.). **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**, Vol. 1 2 ed. São Paulo: Cortez, 2001.

ARAGÃO, Maria de Socorro Silva de. **Técnicas de Transcrição Fonética**. In AGUILERA, Vanderci de Andrade, MOTA, Jacyra Andrade & MILANI, Gleydi A. Lima. **Projeto Atlas Lingüístico do Brasil. Documento I**. Salvador: ILUFBA, 2004.

BARBOSA, Lenise Pereira. **Fonologia: A fala amazonense e sua influência no ensino de inglês**. Manaus, AM: UA, 1995.

BELTRÃO, Otto. **Realidade da Amazônia Brasileira**. Vol. Amazonas. Fundação Biblioteca Nacional: Ministério da Cultura, 1998.

BENCHIMOL, Samuel. **Amazônia – Formação Social e Cultural**. Editora da Universidade Federal do Amazonas, 1999.

BRANDÃO, Silva F. **A geografia lingüística no Brasil**. São Paulo: Ática, 1991.

_____. **Redes localidades para a elaboração de um Atlas lingüístico Nacional: Considerações iniciais**. In Seminário Caminhos e Perspectivas para a Geolinguística no Brasil. Universidade Federal da Bahia – Instituto de Letras. Salvador, 4-6 de novembro de 1996.

_____. **Um estudo variacionista sobre a lateral palatal**. Letras Hoje. Porto Alegre, v. 42, n. 3, p. 89-99, setembro 2007.

BRIGHT, Willian. As dimensões da sociolinguística. In: FONSECA, Maria Stella V.; NEVES, Moema F. (Orgs.). **Sociolinguística**. Rio de Janeiro: Eldorado, 1974.

CAGLIARI, Gladis M.; Luiz Carlos. **Fonética**. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (orgs.). **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. Vol. 1. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2003.

CALVET, Jean-Louis. **Les voix de la ville: Introduction à la sociolinguistique urbaine**. Paris: Payot, 1994.

CÂMARA Jr., Joaquim Mattoso. **Para o Estudo da Fonêmica Portuguesa**. 2 ed. Padrão – Livraria Editora Ltda. Rio de Janeiro, 1977.

_____. **Estrutura da Língua Portuguesa**. 2 ed. Rio de Janeiro:Padrão, 1976.

CARDOSO, S.; MOTA, J. Atlas Lingüístico do Brasil (Projeto ALiB) In: **Com Ciência**: Revista Eletrônica de Pesquisa Científica Linguagem: Cultura e Transformação. Disponível em: <<http://www.comciencia.br/reportagens/linguagem/ling18.htm>>. Acesso em: 28 maio 2006.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. A Geolinguística no Brasil: Meio século de Contribuição à ciência da linguagem e ao ensino da língua materna In: **Associação Brasileira de Lingüística – ABRALIN**. Boletim da associação Brasileira de Lingüística. Florianópolis, v. 23, n. 23, p. 19-34, 1999.

COUTINHO, Ismael de Lima. **Pontos de Gramática Histórica**. 5 ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1962

CRUZ, Maria Luiza de C. **Atlas Lingüístico do Amazonas – ALAM**. 2004. Vol I. Vol. II. T 1. T 2. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) – Faculdade de Letras Língua Portuguesa, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

CRUZ, Maria Luiza de C.; BRANDÃO, Silvia F. **Software Mapeamento de Variação Lingüística – MVL**. Rio de Janeiro: Firma JSK Consultoria e Treinamento, 2004.

CUNHA, Celso. **Língua Portuguesa e Realidade Brasileira**. 3 ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1972.

ELIA, Silvio. **A língua portuguesa no mundo**. São Paulo: Ática, 1989.

FERRARINI, Sebastião Antônio. **Transertanismo** – sofrimento e miséria do nordestino na Amazônia. Petrópolis: Editora Vozes Ltda, 1979

FERREIRA, Carlota; CARDOSO, Suzana Alice. **A dialetologia no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1994.

FIORIN, José Luiz (org.). **Introdução à lingüística II**: princípios de análise. 3 ed. – São Paulo: Contexto, 2004.

FISHER, John L. **Influências sociais na escolha de variantes lingüísticas**. Em FONSECA, Maria Stella V.; NEVES, Moema F. (Orgs.). **Sociolingüística**. Rio de Janeiro: Eldorado, 1974.

- FREIRE, José Ribamar Bessa e outros. **A Amazônia no período colonial** (1616-1798). Manaus, Imprensa Universitária, 1987.
- GARCIA, Etelvina. **Amazonas, notícias da História: período colonial**. 2 ed. – Manaus: Norma Ed., 2006.
- GRIMALDI, Juliette. **Introdução à Sociolinguística**. Lisboa: Dom Quixote/Universidade Moderna, 1983.
- GUMPERZ, John J. **Language and social identify**. Cambridge: Cambridge University Press, 1982.
- HORA, Demerval da. **Variação fonológica: consoantes em coda silábica** In: Simpósio realizado na universidade Federal de Uberlândia, outubro de 2004.
- LABOV, Willian. Estágios na aquisição do inglês standard. FONSECA, Maria Stella V.; NEVES, Moema F. (Orgs.). **Sociolinguística**. Rio de Janeiro: Eldorado, 1974.
- _____. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo, Parábola Editorial, 2008.
- MELLO, Heloísa Augusta B. de. **O falar bilíngüe**. Goiânia: UFG, 1999.
- MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (orgs.). **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. 2 ed. – São Paulo: Contexto, 2004.
- MONTEIRO, José Lemos. **Para compreender Labov**. 2 ed. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
- MONTEIRO, Mario Ypiranga. **A Capitania de São Jose do Rio Negro**. 3 ed. – Manaus: Editora: Valer, 2000.
- MORI, Angel Corbera. **Fonologia**. In: MUSSALIN, Fernanda; BENTES, Anna Christina (orgs.). **Introdução à lingüística: domínios e fronteiras**. Vol.1 2 ed. São Paulo: Cortez, 2001.
- MOTA, Jacyra Andrade. **Constituição do corpus do Projeto ALiB: procedimentos metodológicos**. In AGUILERA, Vanderci de Andrade, MOTA, Jacyra Andrade & MILANI, Gleydi A. Lima. **Projeto Atlas Lingüístico do Brasil**. Documento I. Salvador: ILUFBA, 2004.
- NEVES, Moema F. (Org.). **Sociolinguística**. Rio de Janeiro: Eldorado, 1974.
- NORONHA. Marconde C. de. **O espaço geográfico do Amazonas**, 1996.

NUNES, José Joaquim. **Compêndio de Gramática Histórica Portuguesa**. 3 ed. Lisboa, 1945.

PRETI, Dino. **Sociolingüística**: os níveis de fala. São Paulo: Edusp, 1982.

RASSKY, Abdelhak. 2004. **Atlas lingüístico sonoro do Pará – ALISPA 1.1**. Belém: CAPES/UFPa/UTM, CD-room.

RIBEIRO, Sylvia Aranha de Oliveira. **Vida e Morte no Amazonas**. São Paulo: Loyola, 1991.

SILVA- CORVALAN, C. **Sociolingüística**. Teoria y análisis. Alhambra: Madri, 1988.

SILVA, Marilene Corrêa da. **O Paiz do Amazonas**. Manaus: Editora da Universidade do Amazonas, 1996.

SILVA, Thais Cristóforo. **Fonética e fonologia da língua portuguesa**. 8 ed. São Paulo: Contexto, 2005.

SILVA NETO, Serafim da. **A língua portuguesa no Brasil**. – Série A – Língua Portuguesa. vol. XXV. Lisboa: Editora Império, 1960.

_____. **Guia para estudos dialectológicos**. 2 ed. Melj. E ampl. Belém: Conselho Nacional de Pesquisas, Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, 1957.

_____. **Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil**. 5 ed. Rio de Janeiro: Presença, Brasília: INL, 1986.

_____. **Historia da Lingua Portuguêsa**. 2 ed. Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1970.

SILVEIRA, Regina Célia Pagliuchi da. **Estudo da fonética do idioma português**. Cortez Editora, 1982.

SOARES, Eliane. A Realização do fonema palatal no falar de Marabá – PA. In RAZKY, Abdelhak (org). **Estudos Geolinguísticos no Estado do Pará**. Belém: Gráfica e Editora Grafia. P. 127 – 141, 2003.

SOUZA, Márcio. **A expressão amazonense – do colonialismo ao neocolonialismo**. Manaus: Editora Valer, 2003.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolingüística**. 7 ed. São Paulo: Ática, 2003.

_____(Org.). **Fotografias Sociolingüísticas**. Campinas, SP : Pontes, 1989.

TEYSSIER, Paul. **História da língua Portuguesa**. Tradução: Celso Cunha. Lisboa: Sá da Costa, 1982.